

Acanthaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

Acanthaceae Juss. in the municipality of Vitória da Conquista, Bahia, Brazil

Gabriel Chaves Soares ¹    & Claudenir Simões Caires ¹  

1. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Naturais, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.

Resumo

Acanthaceae está entre as 12 famílias de angiospermas mais diversas, representada por 190 gêneros e estimadas 4.900 espécies, com distribuição pantropical. O respectivo trabalho realizou um levantamento florístico das Acanthaceae no município de Vitória da Conquista, Bahia, região de tensão ecológica entre Caatinga e Mata Atlântica. Foram realizadas 28 expedições durante o período de dezembro/2021 a outubro/2023, abrangendo todo o município, além de duas coletas extras em abril/2024. Essas coletas foram quinzenais (fora da época de floração) e semanais (época de floração), e totalizaram 48 espécimes amostrados, depositados nos herbários HUESBVC e HVC. Foram registradas 14 espécies para o município, sendo elas: *Aphelandra marginata*, *Clistax speciosus*, *Dicliptera ciliaris*, *Justicia laevilinguis*, *Lepidagathis nemoralis*, *Poikilacanthus bahiensis*, *Ruellia bahiensis*, *R. brevicaulis*, *R. brevifolia*, *R. ciliatiflora*, *R. geminiflora*, *R. paniculata*, *Ruellia* sp. e *Thyrsacanthus ramosissimus*. Das espécies coletadas somente *D. ciliaris*, *R. brevifolia* e *R. paniculata* não são endêmicas do Brasil e nove são novos registros para o município. Nossos resultados agregam conhecimento sobre a flora de Vitória da Conquista e, conseqüentemente, da Bahia e ampliam o acervo dos herbários locais.

Palavras-chave:

Asterídeas. Flora da Bahia. Lamiales. Semiárido.

Keywords:

Asterids. Flora of Bahia. Lamiales. Semi-arid.

Abstract

*Acanthaceae is among the 12 most diverse angiosperm families, represented by 190 genera and estimated at 4,900 species, with pantropical distribution. The present work carried out a floristic survey of Acanthaceae in the municipality of Vitória da Conquista, Bahia, a region of ecological tension between the Caatinga and the Atlantic Forest. Twenty-eight expeditions were carried out during the period from December/2021 to October/2023, covering the entire municipality, in addition to two extra collections in April/2024. These collections were fortnightly (outside the flowering season) and weekly (flowering season), and totaled 48 specimens sampled, deposited in the HUESBVC and HVC herbaria. Fourteen species were recorded for the municipality, namely: *Aphelandra marginata*, *Clistax speciosus*, *Dicliptera ciliaris*, *Justicia laevilinguis*, *Lepidagathis nemoralis*, *Poikilacanthus bahiensis*, *Ruellia bahiensis*, *R. brevicaulis*, *R. brevifolia*, *R. ciliatiflora*, *R. geminiflora*, *R. paniculata*, *Ruellia* sp., and *Thyrsacanthus ramosissimus*. Of the species collected, only *D. ciliaris*, *R. brevifolia*, and *R. paniculata* are not endemic to Brazil, and nine are new records for the municipality. Our results add knowledge about the flora of Vitória da Conquista and, consequently, Bahia and expand the collection of local herbaria.*

Recebido em: 21/09/2023

Aceito em: 21/05/2024

Editor responsável: Jorge Antonio S. Costa (UFSB)

eISSN: 2595-6752



Introdução

Acanthaceae Juss. pertence à ordem Lamiales (APG IV, 2016). A família possui 190 gêneros e cerca de 4.900 espécies, assim, estando entre as 12 famílias mais diversas de angiospermas (Manzitto-Tripp et al., 2022). As principais características que definem a família são as folhas simples, opostas, frequentemente com cristólitos conspicuos nas superfícies da lâmina foliar, estípulas ausentes; inflorescência axilar ou terminal, flores solitárias, fasciculadas, espigas, racemos ou densamente agrupadas, geralmente com brácteas e bractéolas; flores monóclinas, zigomorfas, cálice com 5 sépalas concrecentes, corola gamopétala, geralmente bilabiada com 5 lobos, podendo, às vezes, não apresentar lábio superior; estames 2 ou 4, às vezes, acompanhados por estaminódios ou 4 estames didínamos, epipétalos, anteras bitecas ou monotecas com deiscência longitudinal; ovário súpero, bicarpelar, bilocular, estilete filiforme, simples, estigma inteiro ou bilobado, lobos podendo ser iguais ou desiguais; fruto geralmente cápsula loculicida, bivalvar com duas ou mais sementes em cada valva, comumente com deiscência explosiva ao secar ou ao molhar, equipada com retináculos ejaculadores, sementes achatadas ou esféricas podendo apresentar tricomas que lhes conferem uma textura pegajosa e mucilaginoso quando umedecida (Wasshausen; Wood, 2004; Profice, 2013; Rodríguez, 2019).

Segundo Matias e Consolaro (2015), Acanthaceae é considerada uma das principais famílias polinizadas por beija-flores, além, é claro, de polinização por insetos e até mesmo por morcegos (Silva et al., 2022). Essa relação de troquilofilia ocorre devido aos seus aspectos florais, como corolas tubulares com diâmetro reduzido, de coloração forte e contrastante, sem odor perceptível, antese diurna, produção de néctar em grande quantidade e separação espacial da câmara nectarífera em relação aos órgãos reprodutivos, características que são bem atrativas aos beija-flores.

A família possui importância econômica devido ao seu potencial ornamental, medicinal e alimentício na pecuária. No Brasil, a maioria das espécies cultivadas como ornamentais está distribuída entre os gêneros *Acanthus* L., *Aphelandra* R. Br., *Justicia* L., *Thunbergia* Retz e *Ruellia* L. (Vilar et al., 2010). A espécie *Trichanthera gigantea* (Humb. & Bonpl.) Nees é promissora economicamente na pecuária, como fonte de alimento que garante o desenvolvimento reprodutivo de ovinos, além de engorda e nutrição de coelhos (Brenes-Soto, 2014; Ramirez-Bautista et al., 2020).

Muitas espécies de Acanthaceae possuem potencial medicinal, dentre elas estão: *Justicia pectoralis* Jacq., *J. gendarussa* Burm.f. (Oliveira; Andrade, 2000); *J. thunbergioides* (Lindau) Leonard (Vasconcelos et al., 2017); *Adhatoda vasica* Nees (Nath; Buragohain, 2005); *Graptophyllum pictum* L. (Koilpillai; Wilson, 2010); *Asteracantha longifolia* L. (Chauhan; Dixit, 2010); *Thyrsacanthus ramosissimus* Moric. (Cabral et al., 2012); *Ruellia angustiflora* (Nees) Lindau ex Rambo (Zadra et al., 2023); *R. patula* L. (Ramadevi et al., 2016); *R. prostrata* Poir. (Akhter et al., 2021); e *R. asperula* (Mart. ex Nees) Lindau, *R. paniculata* L. (Vasconcelos et al., 2023).

A subfamília Avicennioidae é constituída por espécies de arbustos e árvores de manguezal, desta forma, compõe um ecossistema muito importante por ser o berçário e a fonte de nutriente de muitas espécies, além de contribuir na proteção de

comunidades costeiras do efeito de erosão e tempestades (Polidoro et al., 2010; Cavanaugh et al., 2014; Daniel, 2016).

A família apresenta uma distribuição pantropical, com maior predominância na África, na América e em algumas regiões da Ásia (Wasshausen; Wood, 2004). As espécies da família podem ocupar variados habitats, integrando florestas tropicais, florestas sazonalmente secas, matagais, desertos e pântanos, de regiões de baixa altitude a montanhosas (Kiel et al., 2018). O Brasil é um dos principais centros de diversidade de Acanthaceae, que é representada por 49 gêneros e 521 espécies distribuídas em todos domínios fitogeográficos, com maior diversidade na Mata Atlântica (Kameyama, 2006; Profice, 2013; Reiz et al., 2017; Flora e Funga do Brasil, 2023).

Dos gêneros que ocorrem no Brasil, seis deles são endêmicos: *Aymoreana* Braz et al., *Clistax* Mart., *Harporchilus* Nees, *Schaueria* Nees, *Sebastianoschaueria* Nees e *Stachyacanthus* Ness. Destes, os três primeiros ocorrem na Bahia. Dentre os gêneros endêmicos com ampla distribuição geográfica no país está *Clistax*, ocorrendo em grande parte da porção leste do país, e *Harporchilus*, ocorrendo em quase todo o Nordeste (Flora e Funga do Brasil, 2023). Para a região Nordeste, são reconhecidos 30 gêneros e 161 espécies, destes, 28 gêneros e 128 espécies ocorrem na Bahia (Flora e Funga do Brasil, 2023).

Os primeiros tratamentos taxonômicos da família para o Brasil são os trabalhos de Nees von Essenbeck (1847ab). Outro grande contribuinte para o conhecimento das acantáceas brasileiras foi Carlos Toledo Rizzini, que descreveu novos gêneros e novas espécies, sendo responsável pela publicação de chaves para os gêneros e para as espécies brasileiras (Rizzini, 1949, 1954, 1957).

Os mais recentes trabalhos de levantamentos florísticos e tratamento taxonômico da família Acanthaceae e seus representantes para o país foram realizados em Alagoas e Sergipe (Silva et al., 2010), Bahia (Côrtes; Rapini, 2011, 2013), Distrito Federal (Vilar et al., 2010), Goiás (Sartin, 2015), Mato Grosso (Zocal et al., 2023), Minas Gerais (Pessôa, 2012; Braz et al., 2022), Pará (Reis, 2017; Silva, 2019), Paraíba (Monteiro et al., 2018), Paraná (Hammes et al., 2021), Rio de Janeiro (Profice, 2013; Braz; Azevedo, 2016), Rio Grande do Sul (Marchioretto et al., 2015), Rondônia (Silva e Bonadeu, 2019) e São Paulo (Kojima et al., 2019). Outras contribuições importantes para as espécies brasileiras foram dadas por Matias e Consolaro (2014, 2015); Lima et al. (2005); Lima e Vieira (2006); Braz et al. (2000), retratando polinização e aspectos reprodutivos; Costa et al. (2013) e Silva (2020), com estudos de morfologia polínica; Aoyama et al. (2015), Indriunas e Aoyama (2020) e Azevedo (2017), com estudos de morfologia de sementes, além de Carneiro (2011), com um estudo detalhado sobre cristólitos.

São poucos os trabalhos taxonômicos da família exclusivos para o Nordeste. Um deles é o trabalho de Alcantara e Alves (2022) sobre a tribo Justiceae, no qual foram registradas cinco novas ocorrências para Alagoas, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, além de *Pseuderanthemum modestum* (Nees) Radlk como novo registro para o Nordeste; o trabalho de Chagas e Lima (2020) com a descrição de cinco novas espécies de *Ruellia* para a Mata Atlântica do nordeste do Brasil; e o trabalho de Silva (2020) sobre taxonomia e palinologia das espécies da tribo Justiceae para a porção oriental do Nordeste.

Para Bahia, o principal trabalho taxonômico de Acanthaceae é o de Côrtes e Rapini (2013), apresentando o levantamento florístico

da tribo Justiceae, abrangendo o semiárido da Bahia, registrando 25 espécies e 10 gêneros; dentre as espécies, quatro foram novos registros para o estado. Anteriormente, Côrtes e Rapini (2011) haviam descrito quatro novas espécies para o gênero *Justicia*. Outro importante trabalho para a Bahia é o de Silva et al. (2022), onde descreveram uma nova espécie para região centro sul, denominada *Harpochilus corrugatus* Zappi & F.A.Silva, no qual confirmaram a relação deste gênero com morcegos polinizadores.

Recentes trabalhos para Vitória da Conquista muito agregaram para o conhecimento da flora do sudoeste da Bahia (Caires et al., 2023). No entanto, a região sudoeste do estado continua carecida de estudos, estando Acanthaceae como uma das famílias que apresentam escassas informações florísticas. É válido ressaltar que a Bahia é o quarto maior estado do Brasil, apresentando os domínios de Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado, bem como diversidade climática, geológica e hidrográfica, características que conferem ao estado um potencial de riqueza florística (Giulietti et al., 2006; IBGE, 2022). Desta forma, o presente estudo teve como objetivo realizar o tratamento taxonômico de Acanthaceae para Vitória da Conquista, evidenciando a riqueza e a distribuição das espécies, contribuindo para a ampliação do conhecimento acerca da família no estado da Bahia.

Material e Métodos

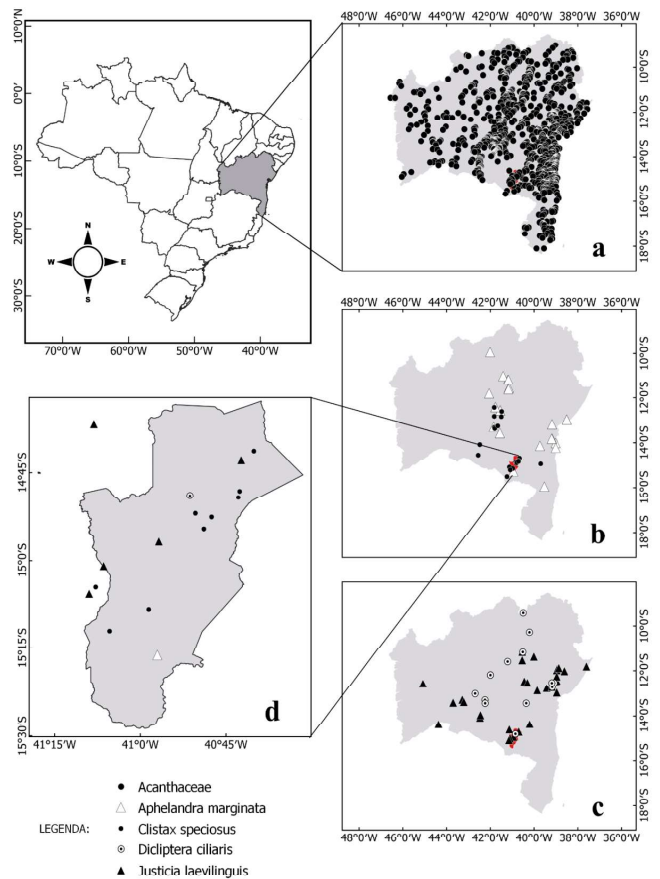
Área de estudo

O município de Vitória da Conquista (Figura 1) está localizado geograficamente na região sudoeste da Bahia, entre as coordenadas 14°30' e 15°30' de latitude e 40°30' e 41°10' de longitude (Maia, 2005), abrangendo uma área de 3.254,186 km² (IBGE, 2021), com altitude média de 923 m (PMVC, 2012).

O clima de Vitória da Conquista é considerado ameno, comparado a outros municípios baianos, com média anual entre 20 °C e 24 °C (Barbosa et al., 2019). O período com maior precipitação de chuvas é entre os meses de outubro a março (Souto, 2017). O relevo de Vitória da Conquista é do tipo planalto, pouco acidentado, apresentando poucos desníveis e pequenas elevações arredondadas nas regiões mais altas (PMVC, 2012; Souto, 2017).

No município ocorrem os biomas de Caatinga e Mata Atlântica, com predominância de Floresta Estacional Decidual, conhecida como mata-de-cipó, vegetação característica de tensão ecológica entre os respectivos biomas (Silva, 2013). A mata-de-cipó é caracterizada por apresentar árvores e lianas lenhosas enoveladas, com folhas duras e pequenas, que conformam um ambiente de difícil circulação sem material adequado (PMVC, 2012). Floresta Estacional Semidecidual, Caatinga, Floresta Ombrófila Densa Submontana e Carrasco (campos gerais) também compõem as fitofisionomias do município (Lauro, 2011; PMVC, 2012). Devido ao desmatamento, estas formações vegetais se dispõem em pequenas manchas pelo município, além de ser um fator responsável pelo estabelecimento de fitofisionomias secundárias (Maia, 2005; Benedicts, 2007). Dentre os fragmentos florestais que mantêm as formações vegetais características dos domínios do território conquistense, estão o Parque Municipal da Serra do Periperi, a Reserva Florestal do Poço Escuro, o Parque

Figura 1. a. Mapa de distribuição da família Acanthaceae para o estado da Bahia. b. Mapa de distribuição de *Aphelandra marginata* e *Clistax speciosus* para o estado da Bahia. c. Mapa de distribuição de *Dicliptera ciliaris* e *Justicia laevilinguis*. d. Mapa de distribuição das espécies mencionadas anteriormente para o município de Vitória da Conquista. Os dados de distribuição estadual são oriundos dos herbários presentes no banco de dados do *SpeciesLink* CRIA (2023).



Municipal Urbano Lagoa das Bateias e o Parque Municipal Urbano Lagoa do Jurema (PMVC, 2007).

Coleta de dados e tratamento taxonômico

Foram realizadas 30 expedições de coleta pelas regiões nordeste (distritos de José Gonçalves e São Sebastião), sudeste (distrito de Cabeceira da Jiboia e divisa com Itambé), noroeste (distritos de Pradoso e Bate-pé) e sudoeste (distritos de Cercadinho, Dantilândia, Iguá e Inhobim) do município, abrangendo áreas urbanas e rurais, especificamente em bordas de estradas, fragmentos florestais próximos ou não a regiões urbanizadas. Em geral, as atividades de campo foram realizadas entre dezembro de 2021 e outubro 2023, além de duas extras em abril de 2024, as quais foram intensificadas e tiveram maior duração no período comum de florescimento da maioria das espécies (fevereiro, março, abril e maio), o que foi observado durante as buscas iniciais por representantes da família. As regiões próximas à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia foram recorrentemente visitadas para observações e novas coletas.

Ao todo, foram coletados 48 espécimes de Acanthaceae em estágio reprodutivo (flor e/ou fruto), os dados que correspondem ao hábito, habitat, coloração das estruturas vegetativas e reprodutivas, bem como outras observações foram anotados em

campo. Os espécimes foram coletados com auxílio de tesoura de poda e/ou podão, prensados imediatamente de acordo com as técnicas de Fidalgo e Bononi (1989) e Mori et al. (1998), e/ou armazenados temporariamente em sacos plásticos e conduzidos ao Laboratório de Botânica/DCN/UESB, onde as principais estruturas, tanto as visíveis a olho nu, quanto as que necessitavam de visualização sob lupa/microscópio, foram analisadas, com objetivo de identificação das espécies e confecção de pranchas ilustrativas por meio de fotos dos caracteres diagnósticos seguindo as técnicas em microscópio de Leitão (2020).

As plantas foram desidratadas em estufa (Marinho; Leitão, 2014) e as exsicatas armazenadas em organizadores plásticos com naftalina prevenindo a degradação por insetos, sendo posteriormente encaminhadas ao herbário HVC e suas duplicatas incorporadas ao herbário HUESBVC, acrônimos de acordo com Thiers (2023). Os espécimes presentes no herbário Mongoyós (HVC) também foram analisados.

A identificação foi realizada com o auxílio de chaves taxonômicas, como Rizzini (1954, 1957), Ezcurra (1993), Wasshausen e Wood (2004), Kameyama (2008), Silva (2011), Pessoa (2012), Cortês e Rapini (2013), Sartin (2015), Monteiro et al. (2018), Silva (2019), Alcantara e Alves (2022), Chagas e Lima (2023), Zocal e Pessoa (2023) bem como na plataforma Flora e Funga do Brasil (2023), além do auxílio de imagens presentes nos acervos de coleções virtuais do *speciesLink* (CRIA, 2023) e ReFlora (2023).

Resultados e Discussão

Até a realização deste trabalho, havia para Vitória da Conquista o registro de dez espécies de Acanthaceae, sendo elas: *Aphelandra marginata* Nees & Mart., *A. verrugensis* P.L.R.Moraes, *Clistax brasiliensis* Mart., *Clistax speciosus* (Nees) Nees., *Herpetacanthus magnobracteolatus* Indriunas & Kameyama, *Ruellia brevicaulis* (Nees) Lindau, *R. geminiflora* Kunth, *R. inundata* Kunth, *R. menthoides* (Nees) Hiern. e *Thyrsacanthus ramosissimus* Moric. (Caires et al., 2021; Novaes e Caires, 2021; CRIA, 2023). Além destas, havia três exsicatas sem identificação ao nível específico presentes no herbário Mongoyós (HVC), sendo duas aqui identificadas como *T. ramosissimus*.

Os espécimes de *H. magnobracteolatus*, *R. brevicaulis*, *R. inundata* e *R. menthoides*, citados por Novaes e Caires (2021), necessitavam de novas coletas para que as medidas das peças florais pudessem ser aferidas em material fresco, bem como fotografias para a elaboração de pranchas ilustrativas. Destes, apenas *R. brevicaulis* não foi recoletada e, após reanálise dos espécimes para confirmação da identificação, concluiu-se que os espécimes anteriormente identificados por Novaes e Caires (2021) como *H. magnobracteolatus* e *R. inundata* eram, na verdade, *Lepidagathis nemoralis* (Mart. ex Nees) Kameyama e *Ruellia paniculata* L., respectivamente.

Ruellia menthoides também passou por reanálises após as novas coletas, sendo possível constatar características morfológicas florais que divergiam daquelas apresentadas na descrição de Pessoa (2012), mesmo trabalho que contém a chave de identificação utilizada por Novaes e Caires (2021). De acordo com as chaves de identificação presentes no trabalho de Ezcurra (1993) e na plataforma Flora e Funga do Brasil (2023), esse espécime corresponderia a *Ruellia*

hypericoides (Nees) Lindau. No entanto, essa espécie é encontrada exclusivamente no Pampa, domínio fitogeográfico diferente do apresentado na região do espécime analisado. Desta forma, devido a esses fatores, não foi possível determinar com solidez a espécie do espécime, sendo assim mantido no presente trabalho como *Ruellia* sp.

A ocorrência de *Aphelandra verrugensis* não foi confirmada por Caires et al. (2023), os quais citam apenas *A. marginata* como espécie coletada pelo príncipe alemão Wied-Neuwied dentro do que hoje compreende o território de Vitória da Conquista. Como mencionado anteriormente, a visita ao distrito Inhobim fez parte de uma das expedições realizadas, sendo este o mesmo local de coleta de *Aphelandra marginata*, por Wied-Neuwied, contudo, a espécie infelizmente não foi reencontrada. No entanto, com os trabalhos de campo desta pesquisa, conseguimos ampliar a amostragem de *Clistax speciosus*, *Ruellia geminiflora* e *Thyrsacanthus ramosissimus*, e registramos as seguintes novas ocorrências: *Dicliptera ciliaris* Juss., *Justicia laevilinguis* (Nees) Lindau, *Poikilacanthus babiensis* (Nees) Wassh., *Ruellia babiensis* (Nees) Morong., *R. brevifolia* (Pohl) C.Ezcurra e *R. ciliatiflora* Hook. Com a ampliação da amostragem e análise dos espécimes já existentes de *Clistax*, concluímos que a citação de *C. brasiliensis* era também um erro de determinação.

Das espécies citadas para Vitória da Conquista, somente *Dicliptera ciliaris*, *Ruellia brevifolia* e *R. paniculata* não são endêmicas do Brasil (Flora e Funga do Brasil, 2023). *Justicia laevilinguis* é a espécie encontrada que possui a maior distribuição no país, presente em 21 estados e em todos os domínios fitogeográficos. Já *Thyrsacanthus ramosissimus* está dentre as espécies melhor amostradas para Bahia, o que também pode ser observado para Vitória da Conquista, possuindo o maior número de registros no presente trabalho. Outro fato interessante observado foi que, das nove coletas de *Clistax speciosus* realizadas para o presente estudo, sete foram encontradas crescendo na mesma área de mata junto de *T. ramosissimus*.

Durante a busca por representantes da família ao longo do período de coleta, pode-se observar a preferência quanto à época de florescimento, uma vez que a grande maioria se mostrou em estado de floração entre os meses de fevereiro, março, abril e maio. Outro fato a se destacar é que os ambientes que as espécies habitavam estavam sempre densamente povoados.

Chave de identificação para as espécies de Acanthaceae do município de Vitória da Conquista

1. Corolas vermelhas ou avermelhadas 2
Corolas azuis, lilases ou brancas 4
2. Folhas sem cristólitos, com venação broquidrodroma *Aphelandra marginata*
Folhas com cristólitos, com venação eucamptódroma 3
3. Inflorescência do tipo tirso; estames 2, glabros *Thyrsacanthus ramosissimus*
Inflorescência em cimeira; estames 4, indumentados *Ruellia brevifolia*
4. Corola bilabiada, lilás ou branca; estames 2 ou 4, se 4, dois com anteras bitecas e dois com anteras monotecas 5
Corola não bilabiada, lilás ou azul; estames didínamos com anteras bitecas 9
5. Cálice com 5 sépalas desiguais, 3 livres e 2 parcialmente fusionadas; corola branca; estames 4, os dois maiores com

- anteras bitecas e os dois menores com anteras monotecas *Lepidagathis nemoralis*
Cálice reduzido ou desenvolvido com 5 sépalas iguais; corola lilás; estames 2 com anteras bitecas 6
6. Plantas palustres; folhas glabras; tecas perpendiculares entre si *Justicia laevilinguis*
Plantas não palustres; folhas indumentadas; tecas oblíquas ou paralelas entre si 7
7. Caule hexagonal; tecas oblíquas *Dicliptera ciliaris*
Caule cilíndrico; tecas paralelas 8
8. Inflorescência cimosa; bractéolas ovadas ou elípticas, apenas com tricomas tectores; cálice reduzido *Clistax speciosus*
Inflorescência do tipo espiga; bractéolas oblanceoladas, com tricomas tectores e glandulares; cálice desenvolvido *Poikilacanthus babiensis*
9. Flores em inflorescências 10
Flores solitárias 11
10. Cálice com sépalas desiguais; folhas com tricomas glandulares capitados uniformemente distribuídos *Ruellia paniculata*
Cálice com sépalas iguais; folhas com tricomas tectores concentrados nas nervuras *Ruellia ciliatiflora*
11. Bractéolas presentes *Ruellia brevicaulis*
Bractéolas ausentes 12
12. Caule glabrescente com glândulas sésseis; porção estreita do tubo da corola mais longa que a porção expandida; sépalas do cálice oblanceoladas, tomentosas com tricomas glandulares *Ruellia* sp.
Caule puberulento, pubescente ou tomentoso sem glândulas sésseis; porção estreita do tubo da corola mais curta que a porção expandida ou de mesmo tamanho; sépalas do cálice lineares, pubescentes ou tomentosas apenas com tricomas tectores 13
13. Caule quadrangular; folhas jovens puberulentas com tricomas tectores concentrados nas nervuras; corola 2,0–3,0 cm compr. *Ruellia babiensis*
Caule elipsoide ou cilíndrico; folhas jovens pubescentes no ápice a tomentosas na base com tricomas tectores igualmente distribuídos; corola 3,0–5,0 cm compr. *Ruellia geminiflora*

1. *Aphelandra marginata* Nees & Mart., Nova Acta Phys.-Med. Acad. Caes. Leop.-Carol. Nat. Cur. 1823; 11(1): 52. Figuras 1b, d; 2.

Planta com até 1m alt. **Caule** cilíndrico, marrom-acinzentado, entrenós 1,8–9,0 × 0,20–0,30 cm. **Lâmina** 3,2–7,0 × 1,1–2,7 cm, elíptica, oblonga, ápice obtuso, redondo ou retuso, base obtusa, margem inteira, venação broquidódroma, ambas as faces glabras, sem cristólitos; pecíolo 0,5–0,7 cm compr. **Inflorescência** espiga 1,6–5,5 cm compr., pedúnculo 0,3–0,8 cm compr.; brácteas pubérula, oval-lanceoladas, 0,6 × 0,2 cm; bractéolas pubérulas, oval-lanceoladas 0,45 × 0,2 cm. **Cálice** verde, lacínias 0,7–1,0 cm compr. **Corola** avermelhada, 4,0–5,5 cm compr., tubo ligeiramente oblíquo, base 0,3 cm de largura, levemente mais estreita na base e se tornando mais larga em direção aos lábios com 0,6 cm; lábio superior ereto, oblongo-lanceolado, 2,5 × 1 cm, inteiros, obtusos a retusos, o lábio inferior trilobado, subigual, o lobo médio oblanceolado, 2,5 × 0,55 cm, agudo, os lobos laterais oblongos, 1,3 × 0,25 cm, obtuso. **Estames** 4, brancos, epipétalos, glabros, exsertos, quase chegando à ponta do lábio superior, anteras monotecas. **Estilete** 2,8–3,0 cm compr.; ovário 0,3 cm compr. **Fruto** não analisado.

Fenologia: Coletada com flores em fevereiro e junho.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, “Barra da Vereda” Inhobim, II/1817, *Wied* s.n. (BR-694238); Rodovia BR-4, 60 km ao N da divisa estadual entre Minas Gerais e Bahia, 25/VI/1965, *Belém* 1217 (NY, UB, US).

Aphelandra marginata é endêmica do Brasil, com ocorrência registrada nos estados de Minas Gerais e Bahia (Wasshausen, 1975; CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). Na Bahia, há 47 possíveis registros para a espécie na região centro-norte, centro-sul, sudoeste, litoral sul e recôncavo (CRIA, 2023). *Aphelandra marginata* é encontrada apenas na Mata Atlântica, em Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Ombrófila (pluvial) (Profice; Andreatta, 2011; Flora e Funga do Brasil, 2023). Vitória da Conquista possui dois registros para a espécie, ambos coletados na porção sul do município (Moraes, 2011; CRIA, 2023).

Essa espécie possui corola semelhante às de *Thyrsacanthus ramosissimus*, no entanto, possui lobos mais curtos, apresenta venação foliar tipo broquidódroma e inflorescência do tipo espiga. Além dessas características, *A. marginata* possui 4 estames com anteras monotecas e não apresenta cristólitos, o que a difere não só de *T. ramosissimus*, como também das demais espécies apresentadas no presente trabalho.

A descrição foi realizada a partir da análise das exsicatas dos espécimes coletados em Vitória da Conquista e complementadas com informações presentes no trabalho de Wasshausen (1975), visto que durante as expedições a espécie não foi encontrada, assim inviabilizando uma descrição mais detalhada.

2. *Clistax speciosus* (Nees) Nees, Fl. Bras. (Martius) 1847; 9: 14. Figuras 1b, d; 3a-l.

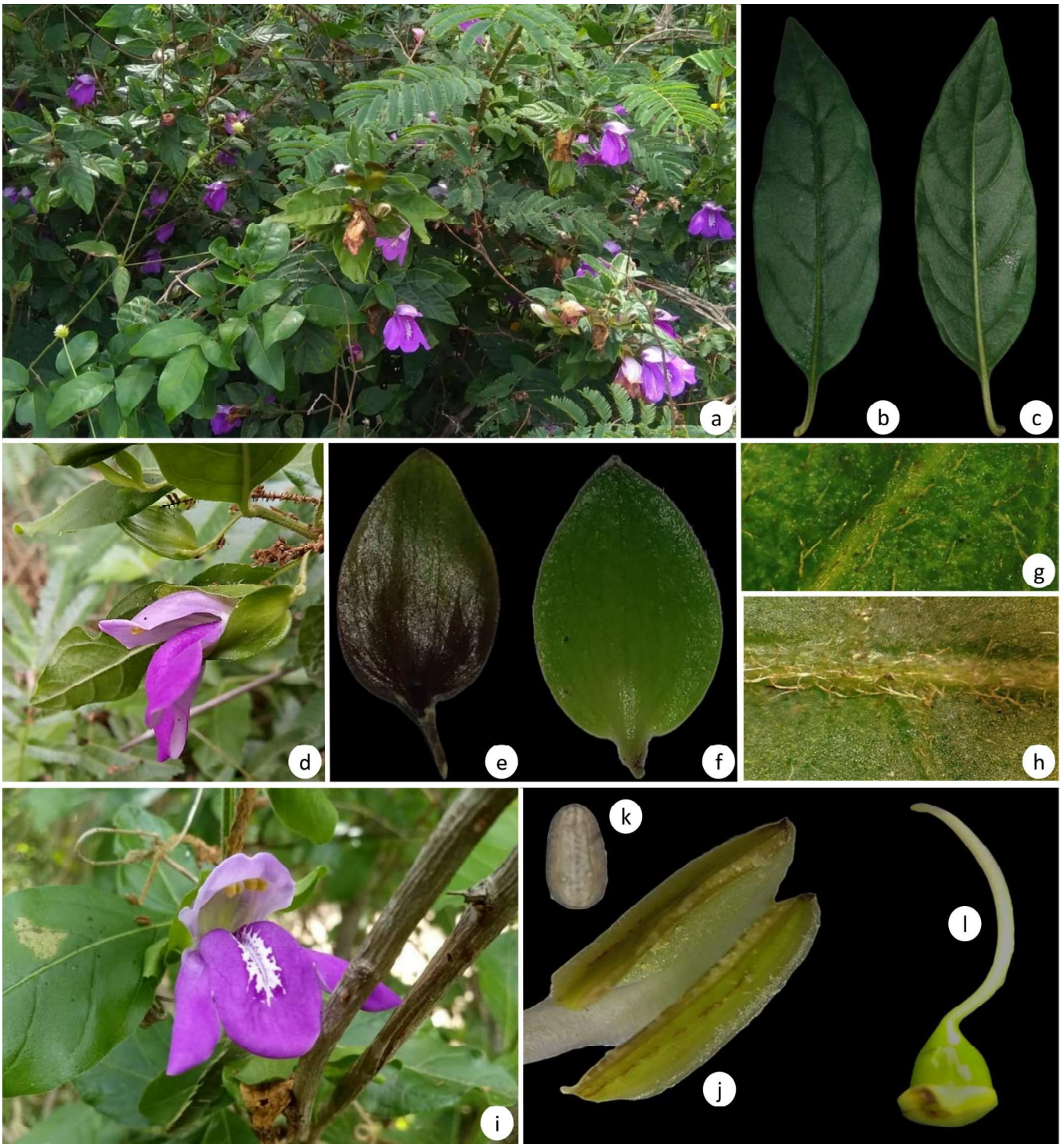
Arbusto escandente 0,4–2,5 m alt. **Caule** cilíndrico, verde-claro a verde-escuro, tomentoso com tricomas tectores concentrados em faixas longitudinais, entrenó 1,2–8,5 × 0,15–0,3 cm. **Lâmina** 1,4–8,5 × 0,4–3,5 cm, elíptica, ovado-lanceolada, ovada, ápice agudo, base cuneada a obtusa, margem inteira, venação eucamptódroma, ambas as faces puberulentas a pubescentes com tricomas simples concentrados nas nervuras e na margem; pecíolo 0,3–1,3 cm de compr., tomentoso com tricomas simples. **Inflorescência** cimosa 1–2 flores pedunculadas, com pedúnculos de 0,5–1,0 cm de compr., com tricomas simples; brácteas oblanceovadas, 0,4–0,8 × 0,1–0,4 cm; bractéolas dimorfas, ovadas ou elípticas amplas, puberulas a pubescentes, as maiores com 0,9–2,5 × 0,7–1,7 cm. **Cálice** reduzido não analisado. **Corola** lilás, bilabiada, 3,5–4,5 cm de compr., com tricomas glandulares presentes na parte externa, glabra na parte interna, tubo 0,6–1,4 cm compr., branco, lábio superior composto por duas lacínias fundidas com exceção do ápice, lábio inferior composto por 3 lacínias amplas. **Estames** 2, epipétalos exsertos, 1,9–2,2 cm compr., filetes brancos, tecas paralelas, amarelo-esverdeadas, bitecas, basifixas. **Estigma** curtamente bifido, estilete 2,2–2,9 cm compr., branco, ovário 0,4 × 0,2 cm. **Fruto** não analisado.

Fenologia: Coletada com flores e sem fruto em fevereiro, março, abril e maio.

Figura 2. *Aphelandra marginata* Nees & Mart., ilustrando as ramificações, as folhas e o padrão das inflorescências. Voucher: Belém 1217 (UB).



Figura 3. *Clistax speciosus* (Nees) Nees. a. Hábito. b. Face adaxial da folha. c. Face abaxial da folha. d. Flor em perfil. e. Bractéola menor. f. Bractéola maior. g. Tricomas na face adaxial da folha. h. Tricomas na face abaxial da folha. i. Detalhe da corola em vista frontal. j. Detalhe das anteras paralelas. k. Grão de pólen. l. Detalhe do pistilo.



Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, entre Av. B e Av. I do Bairro Espírito Santo, 27/II/2020, *Novae & Caires* 04 (HUESBVC, HVC); Matinha da UESB, 13/III/2020, *Novae & Caires* 07 (HVC); Matinha da UESB, 22/III/2022, *Soares & Caires* 02 (HUESBVC, HVC); Estrada para São Sebastião, 10/IV/2022, *Soares et al.* 05 (HUESBVC, HVC); Estrada de saída do povoado de Itaipu, 10/IV/2022, *Soares et al.* 08 (HUESBVC, HVC); Estrada sentido José Gonçalves – São Sebastião, 10/IV/2022, *Soares et al.* 11 (HVC); Inhobim, 13/V/2023, *Soares & Caires* 29 (HUESBVC, HVC); Veredinha, 13/

V/2023, *Soares & Caires* 32 (HUESBVC, HVC); Reserva Belo Vale, 13/IV/2024, *Soares & Caires* 88 (HVC). Belo Campo, Tamanduá, 02/IV/2023, *Soares & Caires* 25 (HUESBVC, HVC).

Clistax speciosus é uma espécie endêmica das florestas do leste do Brasil, ocorrendo nos domínios fitogeográficos da Caatinga e Mata Atlântica, em Florestas Estacionais dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Alagoas e Bahia (Côrtes; Rapini, 2013; CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). A Bahia é o estado com o maior número de registros, totalizando 19 amostras catalogadas para as regiões sul, sudoeste, Serra Geral e a maioria na região da Chapada

Diamantina (CRIA, 2023) e, com o presente estudo, passará a ter 27 registros (Figura 1b), ampliando a sua amostragem na região sudoeste. Em Vitória da Conquista havia apenas um registro de *C. speciosus*, de acordo o CRIA (2023) e REFLORA (2023), e considerando as coletas do presente trabalho o município, passará a ter 1/3 (Figura 1d) de todos os registros para Bahia.

Em Côrtes e Rapini (2013), há o registro de *Clistax brasiliensis* para Vitória da Conquista. *Clistax speciosus* é muito semelhante a *C. brasiliensis*, distintas apenas pela morfologia da folha e da bractéola, a primeira apresentando folhas oval-oblongas e bractéolas pubescento-tomentosas, a segunda com folhas oblongo-lanceoladas e/ou oblongas e bractéolas glabras (Nees, 1847a). Contudo, os caracteres morfológicos que as definem são frágeis, considerando as variações morfológicas existentes nas espécies, o que demonstra a necessidade de trabalhos de revisão para esses táxons. Na área em estudo, a espécie foi coletada em borda de mata com ambiente bem sombreado.

Clistax speciosus pode ser facilmente distinta das demais espécies que ocorrem em Vitória da Conquista, por apresentar o cálice reduzido e pela grande dimensão de suas bractéolas.

3. *Dicliptera ciliaris* Juss., Ann. Mus. Natl. Hist. Nat. 1807; 9: t. 268. Figuras 1c-d; 4a-p.

Erva ou arbusto 30 – 180 cm alt. **Caule** hexagonal, verde, piloso com tricomas tectores, entrenó 1,2 – 8,0 × 0,1 – 0,4 cm. **Lâmina** 2,5 – 5,0 × 0,9 – 2,2 cm, elíptica, ápice acuminado a agudo, base cuneada, margem inteira, venação eucamptódroma, ambas as faces pubescentes na margem e nas nervuras, puberula em outras porções da lâmina, tricomas tectores; **pecíolo** 0,3 – 1,0 cm compr., pubérulo a pubescente, tricomas tectores. **Inflorescência** cimeira, 2 fascículos por axila com 5 – 7 cínulos, pedúnculo inconspícuo a 0,2 cm compr.; cínulos com até 3 flores; brácteas desiguais, ovadas, maior 1,0 – 1,5 × 0,5 – 0,7 cm, menor 0,9 – 1,1 × 0,3 – 0,5 cm, pilosas na margem, com tricomas tectores; bractéolas 4, pubescentes, tricomas tectores, lanceoladas, 0,3 – 0,4 × 0,08 – 0,1 cm. **Cálice** verde claro, sépalas iguais, lanceoladas, 0,15 – 0,3 × 0,05 – 0,08 cm, pubérulo a pubescente com tricomas tectores e glandulares capitados. **Corola** lilás claro, bilabiada, 2,0 – 2,4 cm compr., glabra internamente, pubescente externamente, lábio superior, 1,4 × 0,4 cm, com pequena região próxima ao tubo de coloração esbranquiçada contendo máculas lilás escuro, lábio inferior 1,4 × 0,5 cm. **Estames** 2, epipétalos, 1,3 – 1,5 cm compr.; anteras lilás, bitecas, não calcaradas, tecas oblíquas, filete lilás claro, pubérulo. **Estigma** bifido, estilete 2,3 compr., branco, pubérulo, ovário ovóide, 0,08 × 0,05 cm, ápice piloso. **Cápsula** ovoide, 0,4 × 0,2 cm; Sementes 4 por fruto, pretas, circulares e achatadas, com retináculo ejaculador.

Fenologia: Coletada com flores e frutos no mês de junho.

Material examinado: BRASIL, Bahia, Vitória da Conquista, Assentamento Casulo, 17/VI/2023, Soares & Damasceno 34 (HVC); Assentamento Casulo, 20/VI/2023, Soares & Caires 35 (HUESBVC, HVC).

Dicliptera ciliaris é restrita aos países da América do Sul, possuindo registros no Brasil, Guiana, Guiana Francesa, Peru e Suriname (Funk et al., 2007; Flora e Funga do Brasil, 2023). No Brasil, a espécie foi registrada na região Nordeste, região Norte (AP, PA, RR), Centro-Oeste (GO, MT) e Sudeste abrangendo a Amazônia, Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica, sendo a primeira a

região com o maior número de registros (CRIA, 2023). Há 3 anos, Chagas e Lima (2020) sinonimizaram *D. mucronifolia* Nees sob *D. ciliaris*, porém muitos herbários ainda não atualizaram essa mudança, subestimando assim o número de registros da espécie para o Brasil, principalmente no Nordeste, região com um histórico de determinação da espécie como *D. mucronifolia* (CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). Desta forma, na Bahia há 17 registros, distribuídos pela região da Chapada Diamantina até a região do Baixo e Médio rio São Francisco, além da região do recôncavo baiano. Com o presente estudo, a região sudoeste e o município de Vitória da Conquista apresentam o seu primeiro registro (Figura 1c-d). Na área em estudo, a espécie foi encontrada na beira da estrada em ambientes sombreados ou com incidência direta de luz.

Essa espécie pode ser caracterizada por sua corola bilabiada (lábio inferior e superior), por sua mácula lilás escura imersa em uma pequena região esbranquiçada no lábio superior, e por seu fruto com 4 retináculos dispostos em pares, um em cada lado da deiscência do fruto.

4. *Justicia laevilinguis* (Nees) Lindau, Bot. Jahrb. Syst. 1894; 19(4, Beibl. 48): 20. Figuras 1c-d; 5a-n.

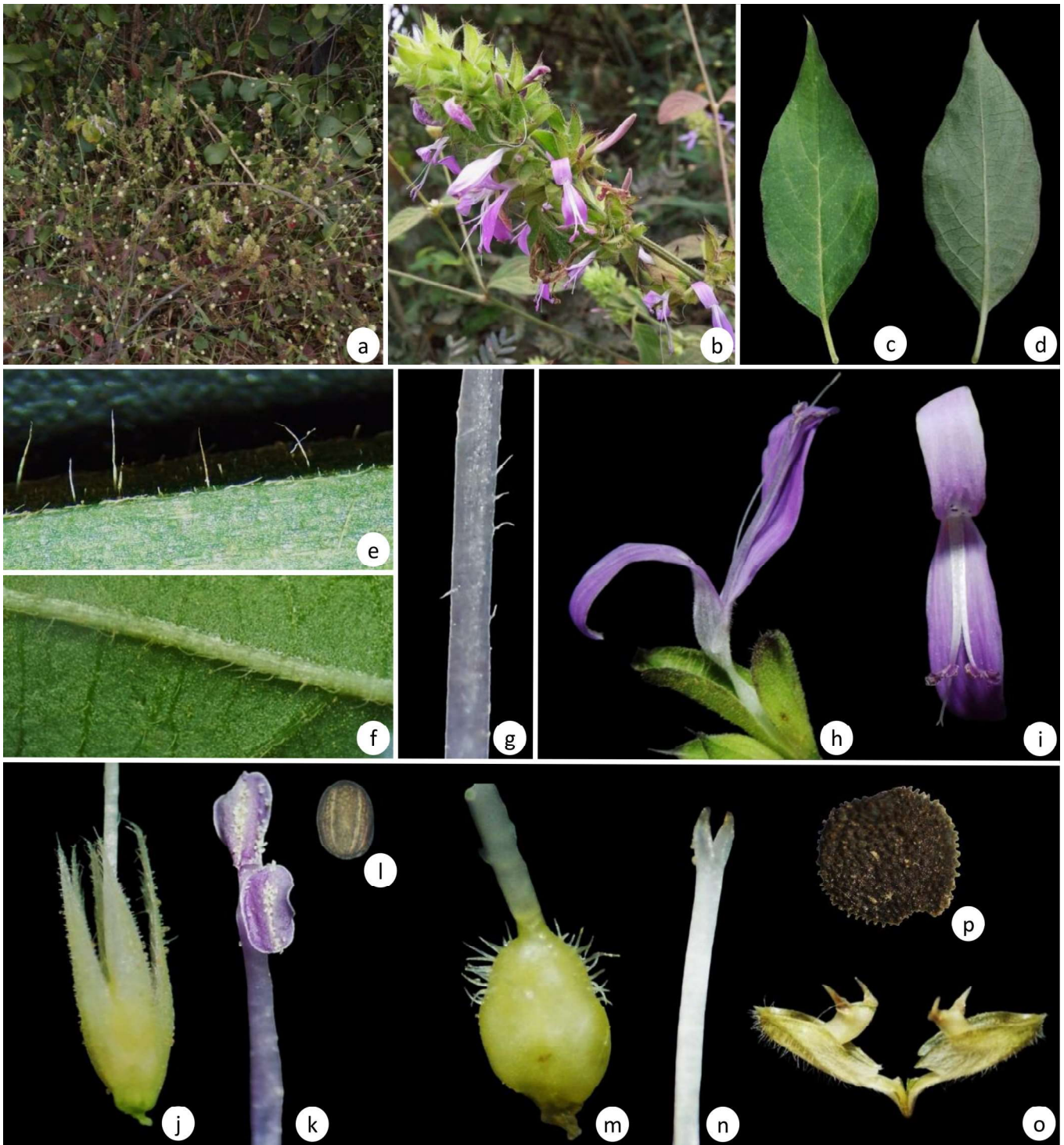
Erva palustre, 20 – 45 cm alt. **Caule** hexagonal, verde, glabro, entrenó 3,5 – 9,5 × 0,2 – 0,3 cm. **Lâmina** 2,2 – 4,6 × 0,3 – 0,8 cm, estreito elíptica, base truncada, ápice arredondado, margem inteira, venação eucamptódroma; **pecíolo** glabro, 0,15 – 0,20 cm compr. **Inflorescência** em espiga, 9,0 – 15,0 cm de compr., pedúnculo 4,5 – 7,5 cm. **Cálice** com lacíneas iguais, lanceoladas, 0,8 – 1,0 cm de compr., glabras em ambas as faces. **Corola** lilás, 1,9 – 2,0 cm de compr., glabra internamente, pubérula a pubescente, com tricomas glandulares capitados externamente, tubo 0,6 – 1,0 cm de compr., lábio superior composto por duas lacínias 0,5 – 0,8 × 0,4 cm, lábio inferior composto por 3 lacínias, lacínia central, 0,8 – 1,0 × 0,6 cm compr., lacínias laterais iguais, 0,6 – 0,9 × 0,6 cm. **Estames** 2, filetes brancos, tecas perpendiculares, lilases e amarelo-esverdeadas, bitecas. **Estigma** bilabiado com lábio superior mais desenvolvido que o inferior; estilete 2,4 cm de compr., ovário 0,20 × 0,15 cm. **Cápsula** loculicida, glabra, 1,3 – 1,5 cm compr. **Sementes** 1 – 3 por fruto, 0,45 × 0,40 cm, granulosa, marrom escuro.

Fenologia: Coletada com flores e frutos no mês de abril.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Lagoa – José Gonçalves, 10/IV/2022, Soares et al. 09 (HUESBVC, HVC); Iguá - Lagoa Formosa, 02/IV/2023, Soares & Caires 20 (HUESBVC, HVC); Iguá - Campo Formoso, 02/IV/2023, Soares & Caires 23 (HVC). Belo Campo, Tamanduá, 02/IV/2023, Soares & Caires 27 (HUESBVC, HVC).

Justicia laevilinguis apresenta distribuição Neotropical, com registros na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Uruguai (Ezcurra, 2002; CRIA, 2023). No Brasil, *J. laevilinguis* apresenta registro em todos os domínios fitogeográficos e se distribui por quase todos estados, com exceção de Alagoas, Espírito Santo, Piauí, Sergipe e Tocantins (CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). A espécie é bem amostrada na Bahia, havendo 53 possíveis registros distribuídos da região sudoeste até a nordeste, com predominância na região nordeste e no recôncavo baiano (CRIA, 2023; Figura 1c). Com o presente estudo, o número de amostras para a Bahia foi ampliado,

Figura 4. *Dicliptera ciliaris* Juss. a. Hábito. b. Inflorescência. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Tricomas do caule. f. Tricomas da face abaxial da folha. g. Tricomas do estilete. h. Visão lateral da flor. i. Vista frontal da corola. j. Detalhe do cálice. k. Detalhe das anteras oblíquas. l. Grão de pólen. m, Detalhe dos tricomas do ovário. n. Detalhe do estigma. o. Fruto aberto, mostrando os retináculos. p. Semente.



bem como o município de Vitória da Conquista passa a ter seus três primeiros registros.

Essa espécie apresenta morfologia bastante variável, sendo geralmente encontrada em ambientes palustres, úmidos ou até mesmo em lagoas temporárias. Na Caatinga e no semiárido baiano, a espécie foi registrada com mais frequência na beira de lagos, sobre solos arenosos e argilosos (Ezcurra, 2002; Côrtes; Rapini, 2013; Alcantara; Alves, 2021). Segundo Sartin (2015), a umidade do solo durante a dispersão e a germinação de sementes, o

fotoperiodismo e as assembleias de visitantes florais durante o ano são fatores que influenciam no período de florescimento de *J. laevilinguis*. Na área em estudo, a espécie foi coletada em lagoas ou à margem delas, bem como em baixadas onde havia acúmulo de água em época de chuva retendo a umidade.

5. *Lepidagathis nemoralis* (Mart. ex Nees) Kameyama, Kew Bull. 2009; 63(4): 578. Figuras 6a-r; 16a, d.

Subarbusto 25 – 40 cm alt. **Caule** cilíndrico, verde, puberulento com tricomas tectores, entrenó 1,7 – 6,0 × 0,1 – 0,2 cm. **Lâmina** 2,1 – 9,8 × 0,9 – 3,0 cm, glabra, elíptica, lanceolada a ovada, ápice agudo, base decorrente, margem inteira, venação eucamptódroma; **pecíolo** 0,3 – 0,5 cm compr., glabro. **Inflorescência** espiga, 1,3 – 2,0 cm compr., séssil; bráctea estéril falciforme, verde escuro, 0,3 – 0,6 × 0,1 – 0,2 cm, puberulenta, com tricomas tectores restritos nas margens; brácteas da flor oblanceoladas, verde claro, 0,25 – 0,40 × 0,05 – 0,1 cm, pubescentes a tomentosas com tricomas tectores; bractea fértil 1 e 2 bractéolas, lanceoladas, verde claro, 0,25 – 0,40 × 0,05 – 0,1 cm,

tomentosa nas margens. **Cálice** verde claro, sépalas mais amplas correspondem a anterior e posterior, 1,2 – 1,6 × 0,5 – 0,7 cm, pubescentes nas margens com tricomas tectores, as duas sépalas anteriores são fusionadas entre $\frac{1}{3}$ – $\frac{1}{2}$ do comprimento da lâmina, formando um segmento oblanceolado, a sépala posterior é obovada, pubescente nas margens com tricomas tectores; sépalas laterais, 2, 0,5 – 0,7 × 0,1 cm, lanceoladas, pubescentes nas margens com tricomas tectores. **Corola** branca, bilabiada, 1,6 cm compr., puberula na região externa com tricomas tectores, região interna glabrescente, lábio superior composto por 2 lacínias fundidas, 0,4 – 0,5 × 0,25 – 0,30 cm, lábio inferior composto por 3 lacínias, lací-

Figura 5. *Justicia laevilinguis* (Nees) Lindau. a. Habitat. b. Flor em perfil. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe da flor em vista frontal. f. Tricomas da região externa do botão floral. g. Sépalas. h. Estame com anteras perpendiculares. i. Grão de pólen. j. Ovário. k. Detalhe do estigma. l. Fruto imaturo. m. Detalhe do retináculo ejaculador. n. Semente.



neas laterais $0,6 \times 0,35$ cm, lacínea do mediana $0,5 \times 0,3$ cm. **Estames** brancos, didínamos, os menores $0,3$ cm compr., os maiores $0,5$ cm compr., filetes brancos, anteras brancas, nos estames menores monotecas e nos maiores bitecas, não calcaradas. **Estigma** globoso, estilete $1,0$ cm compr., ovário oblongo, $0,2 \times 0,1$ cm. **Fruto** não analisado.

Fenologia: Coletada com flores no mês de março e abril.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Chácara do Parque Imperial, 2/III/2023, Soares & Azevedo 18 (HUESBVC, HVC); Reserva Belo Vale, 13/IV/2024, Soares & Caires 90 (HVC).

Lepidagathis nemoralis é uma espécie endêmica da Mata Atlântica do Brasil, com distribuição nos estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em Floresta Ombrófila (Kameyama, 2008; Flora e Funga do Brasil, 2023). Na Bahia, há um total de 10 possíveis registros, a maioria localizada na região do recôncavo baiano e os demais na região sul e extremo sul do estado (CRIA, 2023). Com o presente estudo, a região sudoeste e o município de Vitória da Conquista passam a ter seus primeiros registros (Figura 16a, d). Segundo Kameyama (2008), essa espécie é bem variável morfológicamente, principalmente as brácteas estéreis que podem ser dimidiado-ovaladas a sutilmente dimidiadas e oblongas; já a sépala posterior pode ser oval, elíptica ou obovada. Além da plasticidade morfológica, e também devido a ela, a espécie é similar a outras do mesmo gênero, como *L. alvarezia* (Nees) Kameyama ex Wassh. & J.R.I.Wood, *L. cuneiformis* Kameyama e *L. paraensis* Kameyama. Na área em estudo, a espécie foi encontrada em dois fragmentos de mata-de-cipó (Floresta Estacional Semidecidual).

Dentre as espécies que ocorrem no município, *L. nemoralis* pode ser facilmente distinta por suas brácteas estéreis falciformes, por suas sépalas posteriores parcialmente fusionadas e por apresentar estames didínamos onde os dois maiores possuem anteras bitecas e os dois menores anteras monotecas.

6. *Poikilacanthus bahiensis* (Nees) Wassh., Kew Bull. 1993; 48 (1): 17. Figuras 7a-p; 16a, d.

Arbusto até 2 m altura. **Caule** cilíndrico, cinza a esverdeado, tomentoso a tomentuloso, tricomas tectores, entrenó $1,4 - 7,5 \times 0,4 - 0,15$ cm. **Lâmina** $1,2 - 5,2 \times 0,4 - 0,2$ cm, estreitamente elíptica a elíptica, ápice agudo a obtuso, base cuneada a raramente estreita cuneada, margem inteira, venação eucamptódroma, face adaxial pubérula com tricomas tectores restritos às nervuras, face abaxial tomentulosa com tricomas tectores; **pecíolo** $0,4 - 1,0$ cm de compr., pubescente a tomentoso. **Inflorescência** espiga, pedúnculo $2,0 - 4,0$ cm compr.; brácteas pubescentes com tricomas tectores e glandulares, verde arroxeadas, romboidais, $1,0 - 2,3 \times 0,5 - 1,3$ cm; bractéolas verde-claro, oblanceoladas, $1,0 - 1,4 \times 0,25 - 0,5$ cm, tomentosas com tricomas glandulares. **Cálice** verde, sépalas iguais, lanceoladas, $0,7 \times 0,15$ cm, pubérulo com tricomas tectores. **Corola** labiada, roxo-claro, $2,2 - 2,5$ cm compr., pubescente na região externa com tricomas tectores, glabra na região interna, tubo $0,7 - 0,9$ cm compr., lábio superior composto por duas lacíneas fusionadas, lábio inferior composto por três lacíneas fusionadas até $0,5$ cm do ápice que é livre. **Estames** 2, $2,0$ cm compr., filete branco, anteras amarelas a beges, bitecas. **Estigma** clavado, estilete $2,4$ cm compr., ovário $0,3 \times 0,2$ cm.

Cápsula $0,8 - 1,0$ cm compr., glabra, ovoide; sementes 3, verde amarronzadas, $0,4$ cm compr., circular achatadas.

Fenologia: Coletada com flores e frutos no mês de abril.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, próximo à entrada do distrito José Gonçalves, 22/IV/2022, Soares & Azevedo 742 (HVC).

Poikilacanthus bahiensis foi registrado no Cerrado de Minas Gerais (seis registros), na Caatinga, Floresta Estacional Decidual e Floresta Estacional Semidecidual de Sergipe (um registro) e na Bahia, apresentando 147 prováveis registros, a maioria para região da Chapada Diamantina, mas estendendo-se também até o norte (Côrtes e Rapini, 2013; CRIA, 2023; MapBiomias, 2023). Os demais espécimes estão distribuídos de maneira menos densa no recôncavo baiano, sudoeste, sul e oeste do estado (CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). Com o presente estudo o município de Vitória da Conquista passa a ter seu primeiro registro (Figura 16a, d).

Assim como outras espécies do gênero, *P. bahiensis* é muito semelhante às espécies de *Justicia*, pelo formato e coloração da corola. Todavia, *Poikilacanthus* distingue-se de *Justicia* por caracteres morfológicos polínicos e é distinto das demais espécies do presente estudo, por apresentar inflorescência com grandes brácteas espatuladas marginalmente ciliadas com tricomas glandulares (Daniel, 1991; Flora e Funga do Brasil, 2023).

Na área em estudo, a espécie foi coletada na beira de estrada em área antropizada à meia sombra.

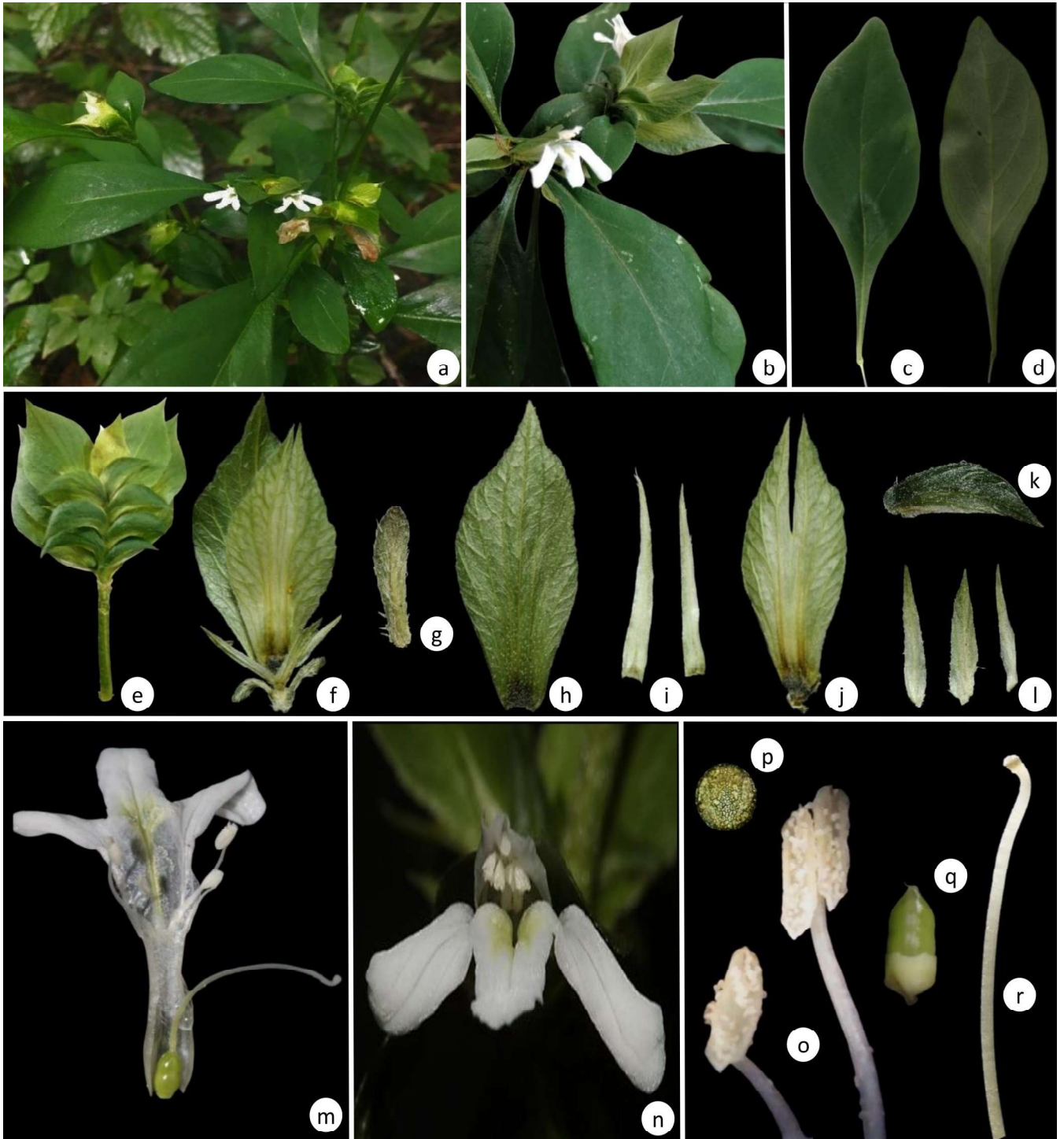
7. *Ruellia bahiensis* (Nees) Morong, Ann. New York Acad. Sci. 1893; 7: 192. Figuras 8a-o; 16b, d.

Erva $15 - 100$ cm alt. **Caule** roxo podendo ser amarronzado, quadrangular, pubescente com tricomas tectores; entrenó $1,3 - 9,3 \times 0,10 - 0,28$ cm. **Lâmina** $1,3 - 7,5 \times 0,4 - 3,5$ cm, estreito elíptica, elíptica, ovado lanceolada a ovada, ápice agudo, base estreitamente cuneada, margem inteira, venação eucamptódroma, face adaxial pubérula, face abaxial com tricomas restritos às nervuras, ambas regiões com tricomas tectores; **pecíolo** $0,2 - 0,5$ cm compr., pubescente, com tricomas tectores. **Inflorescência** flores solitárias, axilares $3,5 - 4,5$ cm compr.; pedicelo $0,08 - 0,1$ cm compr. **Cálice** verde, sépalas lineares, iguais, $0,8 - 1,0$ cm compr., pubescente com tricomas tectores; **Corola** lilás claro, $2,2 - 2,6$ cm compr., porção estreita branca, $1,1 - 1,3$ cm compr., porção expandida do tubo lilás claro, $1,1 - 1,6$ cm compr. **Estames** didínamos, inclusos, os menores $0,7$ cm de compr., os maiores $0,9$ cm compr., filetes brancos, anteras brancas, lanceoladas, bitecas, não calcaradas. **Estigma** lanceolado, estilete $2,0$ cm compr., pubescente com tricomas tectores, ovário ovado, $0,30 \times 0,15$ cm, indumento com curtos tricomas tectores. **Cápsula** loculicida, elíptica, $0,8 - 1,0 \times 0,4 - 0,5$ cm. **Sementes** 3 - 5 por fruto, verde-amarronzadas, circular, achatadas.

Fenologia: Coletada com flores e frutos nos meses de abril, maio, dezembro e janeiro. A floração ocorre durante o ano, visto que em um dos locais de coleta se manteve em flor o ano inteiro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, BR 116, próximo à entrada ao distrito São Sebastião, 10/IV/2022, Soares et al. 06 (HUESBVC, HVC); BR 116, próximo à Dantilândia, 8/XII/2022, Soares & Caires 12 (HUESBVC, HVC); Rodovia Santos Dumont, 8/XII/2022, Soares & Caires 13 (HUESBVC, HVC);

Figura 6. *Lepidagathis nemoralis* (Mart. ex Nees) Kameyama. a. Hábito. b. Detalhe do ramo fértil. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe da inflorescência. f. Detalhe das peças florais externas à corola. g. Bractéola. h. Sépala posterior. i. Sépala laterais. j. Sépala anterior. k. Bráctea estéril. l. Bractéolas da flor. m. Detalhe da flor dissecada. n. Vista frontal da corola. o. Estames. p. Grão de pólen. q. Ovário. r. Estilete e estigma.



Assentamento Casulo, 25/XII/2022, Soares & Damasceno 14 (HVC); Assentamento Casulo, 01/I/2023, Soares & Damasceno 15 (HVC); Veredinha, 13/V/2023, Soares & Caires 33 (HUESBVC, HVC).

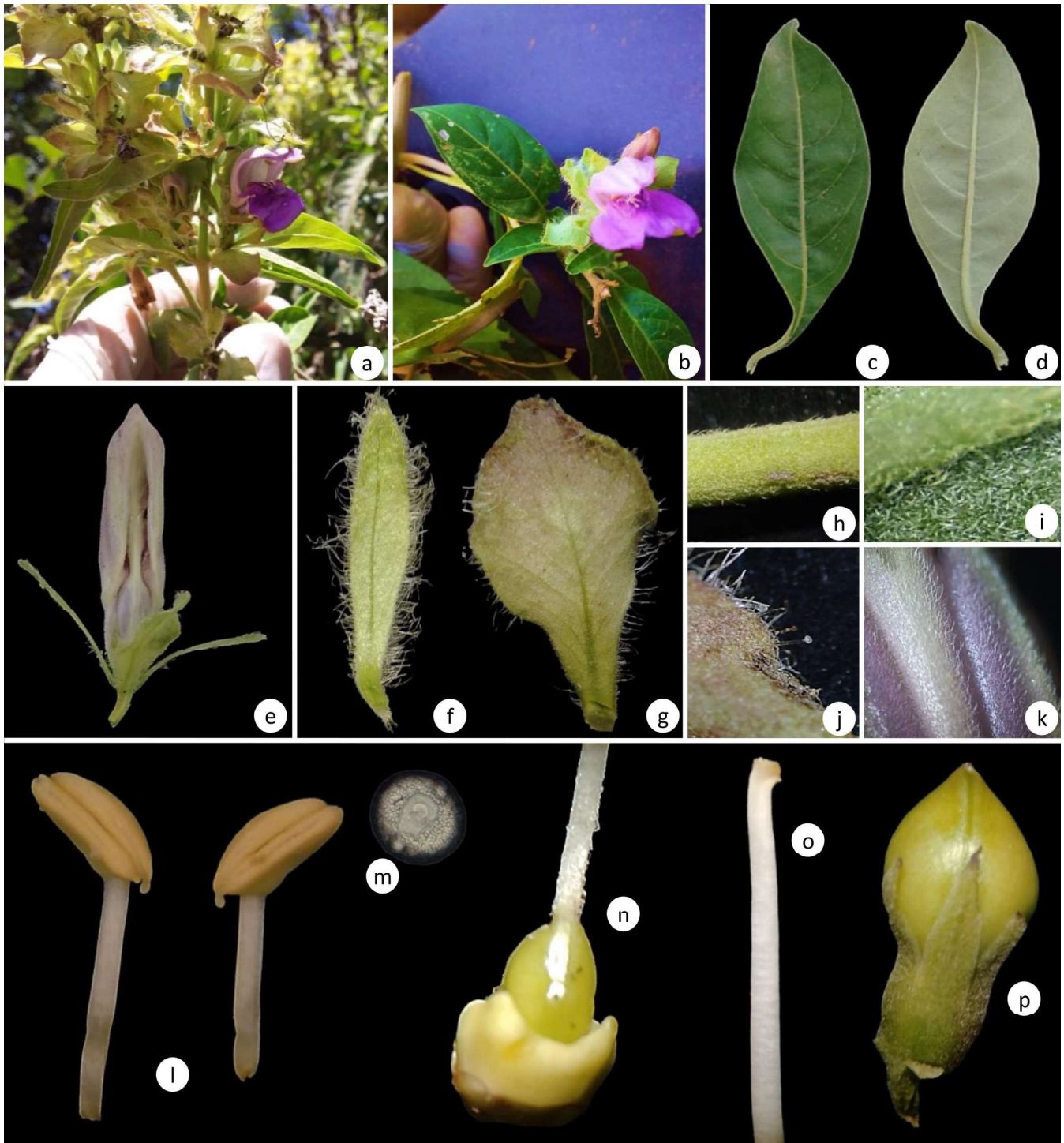
Ruellia babiensis distribui-se pelo Brasil nas regiões Nordeste (AL, BA, CE, PE, RN), Sudeste (ES), Sul (RS) e Centro-Oeste (MT) (Silva et al., 2010; Marchioretto et al., 2015; Monteiro et al., 2018, Flora e Funga do Brasil, 2023), ocorrendo principalmente na Caatinga em Floresta Estacional Decidual (Flora e Funga do Brasil, 2023). Na Bahia, é bem amostrada, apresentando 199 prováveis registros distribuídos por quase todas as regiões do estado, com

menos frequência no oeste e sudoeste, não ocorrendo apenas no extremo sul do estado (CRIA, 2023). Esse é o seu primeiro registro para Vitória da Conquista.

Na área em estudo, a espécie foi coletada na borda de estradas em locais com grande incidência de luz ou a meia sombra.

Ruellia babiensis assemelha-se com *Ruellia geminiflora*, e distingue-se da mesma, principalmente pela disposição dos tricomas nas folhas jovens, que são puberulentas com tricomas tectores concentrados nas nervuras; já na segunda, as folhas jovens são pubescentes no ápice a tomentosas na base, com tricomas tectores

Figura 7. *Poikilacanthus babilensis* (Nees) Wassh. a. Inflorescência. b. Detalhe da flor. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Botão floral. f. Bractéola. g. Bráctea. h. Detalhe do indumento do caule. i. Tricomas da face abaxial da folha. j. Tricomas da bráctea. k. Tricomas da região externa da corola. l. Estames e anteras. m. Grão de pólen. n. Detalhe do ovário. o. Detalhe do estigma. p. Fruto imaturo.



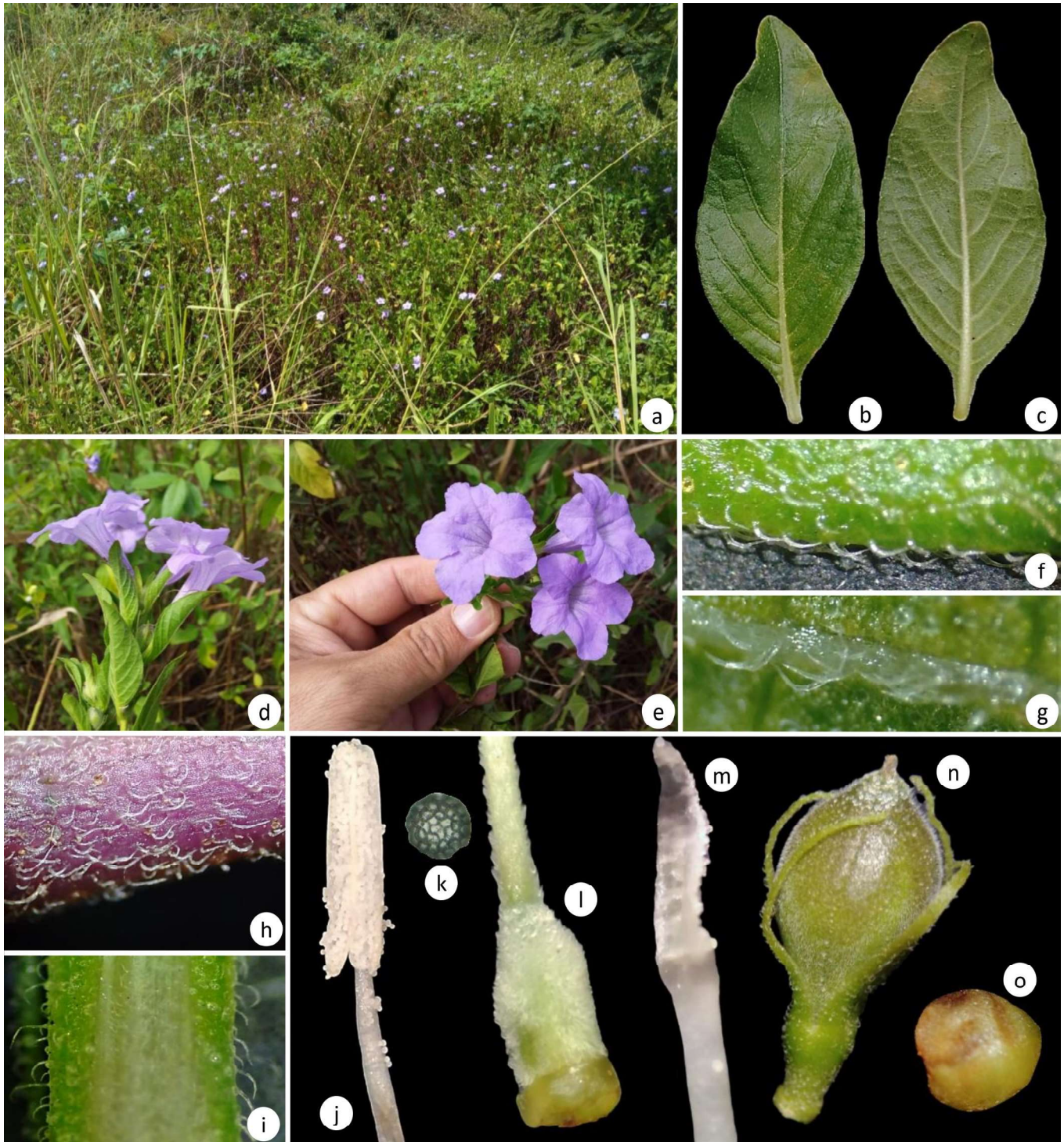
igualmente distribuídos. Além disso, diferente das demais *Ruellia*, *R. babilensis*, manteve-se com flores e com frutos durante todo ano.

8. *Ruellia brevicaulis* (Nees) Lindau, Nat. Pflanzenfam. 1895; 4, Abt. 3b: 310. Figura 9a-n.

Erva até 30 cm alt. **Caule** verde, oblongo a cilíndrico, pubérulo a pubescente, com tricomas tectores, entrenó $1,5 - 6,5 \times 0,10 - 0,30$ cm. **Lâmina** $1,7 - 4,8 \times 0,6 - 2,2$ cm, elíptica, ovada a amplamente ovada, ápice agudo, obtuso e raramente arredondado, base

arredondada ou cuneada, margem inteira, pilosa com tricomas tectores longos, venação eucamptódroma, ambas faces pubescentes com tricomas tectores; **pecíolo** $0,25 - 0,6$ cm compr., tomentoso com tricomas tectores. **Inflorescência** flores solitárias, axilares terminais; bractéolas 2, $1,2 - 1,6 \times 0,3 - 0,5$ cm, foliáceas, elípticas raramente ovadas, pubescentes em ambas as face com tricomas tectores. **Cálice** verde, sépalas lineares a estreito lanceoladas, iguais, $0,8 - 1,5 \times 0,07 - 0,1$ cm, pubescentes, hirsutas na margem com tricomas tectores. **Corola** azul, 2,4 cm compr., tomentosa na região externa com tricomas tectores, porção estreita do tubo branca, 1,1 cm compr.,

Figura 8. *Ruellia bahiensis* (Nees) Morong. a. Hábito. b. Face adaxial da folha. c. Face abaxial da folha. d. Flores em perfil. e. Detalhe das corolas em vista superior. f. Tricomas na margem folha. g. Tricomas na nervura da face abaxial da folha. h. Tricomas do caule. i. Tricomas do cálice. j. Detalhe da antera. k. Grão de pólen. l. Detalhe do ovário. m. Detalhe do estigma. n. Fruto imaturo. o. Semente.



porção dilatada azul, 1,4 cm compr. **Estames** epipétalos, didínamos, os menores 1,0 cm compr., os maiores 1,5 cm compr., anteras lanceoladas, não calcaradas, bitecas, anteras do botão pubescentes com tricomas glandulares capitados. **Estigma** linear, estilete 2,2 cm compr., pubescente com tricomas tectores; ovário ovado, velutino com tricomas tectores. **Fruto** não analisado.

Fenologia: Coletada com flores no mês de janeiro.

Material examinado: **BRASIL, Bahia:** Vitória da Conquista, Matinha da UESB, 29/I/2020, *Novas e Caires* 02 (HUESBVC, HVC).

Ruellia brevicaulis distribuiu-se pela Argentina, Brasil e Paraguai (Ezcurra 1993). No Brasil, possui ocorrência no Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e, principalmente, Paraná, com o maior número de registros do país (Silva, 2011; CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil), sendo este o primeiro registro para a Bahia.

É comumente encontrada em Floresta Ombrófila Densa, Floresta Ombrófila Mista, campos abertos e altos com até 950 m de elevação, particularmente em terrenos rochosos ou arenosos predispostos a eventuais incêndios (Ezcurra, 1993; Silva, 2011). O

epíteto “brevicaulis” significa caule curto e, de acordo Ezcurra (1993), o nome é bem aplicado a espécimes de plantas que produzem caules curtos para floração após queimadas, podendo apresentar caules mais longos quando os incêndios são menos ocorrentes.

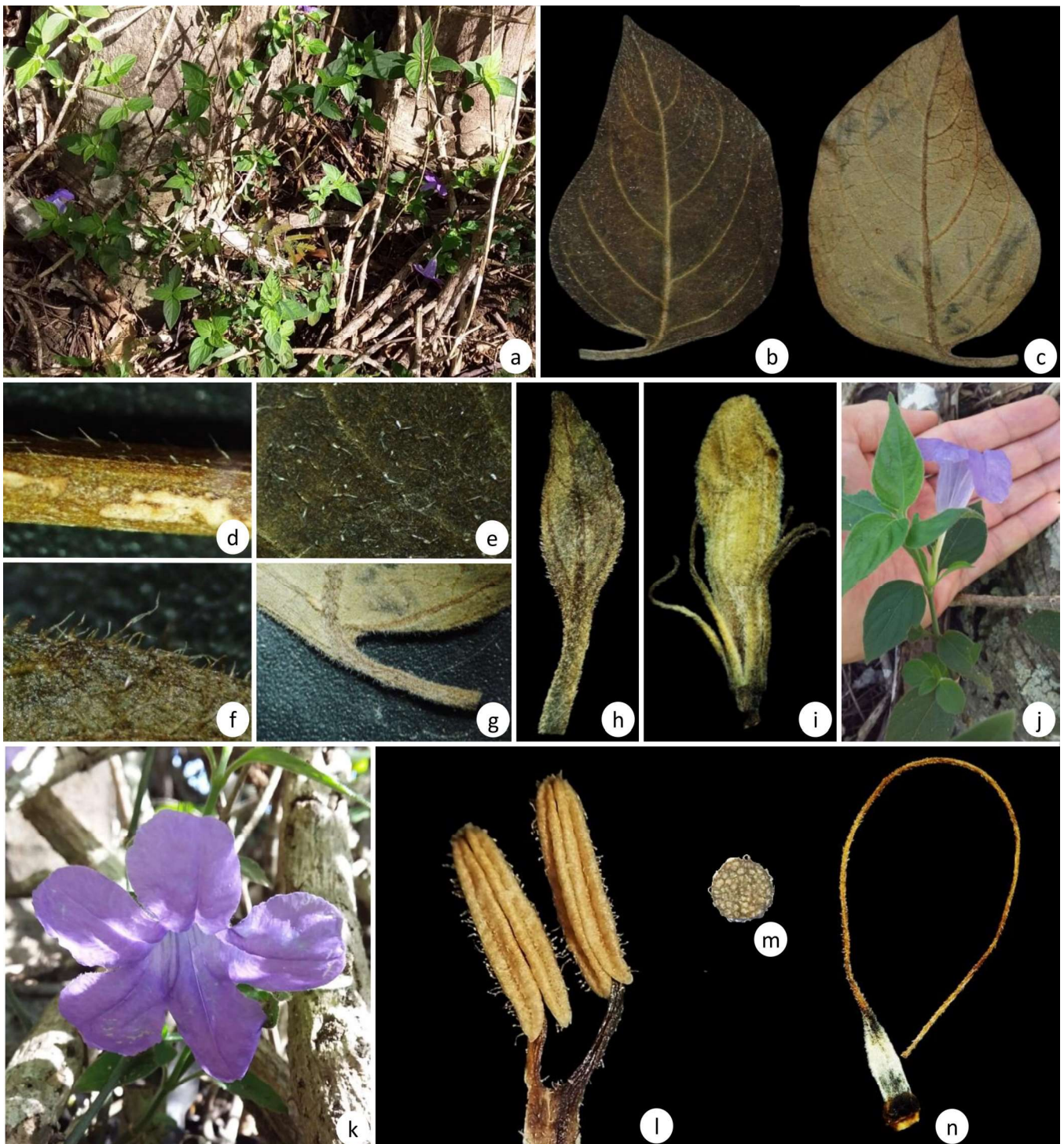
Segundo Ezcurra (1993), ocorrem hibridizações naturais entre *Ruellia*, o que teria promovido a diversificação do gênero, mas também pode ser a provável explicação para as dificuldades de delimitação dos táxon em nível específico.

Nosso espécime foi coletado em borda de mata-de-cipó. Dentre as espécies de *Ruellia* ocorrentes no município, e outras espécies do gênero, *R. brevicaulis* pode ser distinta por apresentar bractéolas foliáceas.

9. *Ruellia brevifolia* (Pohl) C.Ezcurra, Darwiniana 1989; 29(1-4): 278. Figura 10a-k; 16b, d.

Erva 30–50 cm alt. Caule verde quadrangular, pubérulo com tricomas tectores, entrenó 1,5 – 2,1 × 0,2 – 0,5 cm. **Lâmina** 3,5 – 10 × 1,2 – 4,3 cm, ovada raramente ovado lanceolada, ápice agudo, base cuneada, margem inteira, venação eucamptódroma, ambas as faces glabrescentes; **pecíolo** 0,5 – 2,0 cm compr, glabrescente. **Inflorescência** cimeiras terminais, pedúnculo glabro, 1,7 – 2,0 cm compr.; brácteas 0,5 – 2,1 × 0,01 – 0,5 cm, levemente falciformes, foliáceas, puberulentas com tricomas tectores; bractéolas 2 – 5 × 0,1 – 0,2 mm, lanceoladas, puberulentas com tricomas tectores.

Figura 9. *Ruellia brevicaulis* (Nees) Lindau. a. Hábito. b. Face adaxial da folha. c. Face abaxial da folha. d. Detalhe dos tricomas do caule. e. Detalhe dos tricomas da face adaxial da folha. f. Detalhe dos tricomas da margem da folha. g. Detalhe da base da folha e pecíolo. h. Bractéola. i. Botão floral. j. Vista lateral da flor. k. Vista frontal da corola. l. Detalhe das anteras imaturas. m. Grão de pólen. n. Pistilo.



Cálice verde, sépalas lineares a lanceoladas, pubérulentas com tricomas tectores. **Corola** vermelha, pubescente externamente com tricomas tectores e glandulares capitados, glabrescente internamente; tubo 3,0 – 3,5 cm compr., porção estreita do tubo 1,0 – 1,2 cm compr., porção expandida do tubo 2,0 – 2,3 cm compr. **Estames** epipétalos, 4 homodínamos, 1,8 – 2,2 cm compr., filetes brancos, pubescentes com tricomas tectores; anteras brancas, não calcaradas, bitecas, pubescentes com tricomas glandulares capitados. **Estigma** bilobado, lilás; estilete branco, 2,2 – 2,4 cm compr.; **ovário** ovado, 0,3 × 0,1 mm, glabro. **Fruto** não analisado.

Fenologia: Coletada com flor no mês de abril.

Material examinado: BRASIL, Bahia, Vitória da Conquista, Reserva Florestal do Poço Escuro, 20/IV/2024, Soares & Caires 73 (HVC).

Ruellia brevifolia distribui-se pela Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru (Ezcurra, 1989, 1993). No Brasil, a espécie é registrada nos estados do Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Norte (AC, AM, PA, RO) e Nordeste (BA, CE), sendo o Sul a região que possui a maior ocorrência (Flora e Funga do Brasil, 2023). Há poucos registros para a Bahia, com um total de seis possíveis ocorrências para região sudoeste, oeste e recôncavo baiano. Com o presente estudo, o município de Vitória da Conquista passa a ter sua primeira amostra da espécie. Neste estudo, apenas um indivíduo da espécie foi encontrado, em uma área de trilha aberta próxima ao curso d'água, com muita movimentação de pessoas e passando por podas frequentes para manutenção do caminho.

A espécie ocorre em vegetação de Cerrado e Florestas Pluviais, sendo geralmente encontrada em áreas abertas e iluminadas de sub-bosques e florestas, assim como beiras de estradas e em proximidades a cursos d'água (Ezcurra, 1989, 1993; Flora e Funga do Brasil, 2023). *Ruellia brevifolia* é considerada uma espécie ornamental (Lima, 2012). Porém, em situações de fuga do cultivo, ela consegue ter boa adaptação em ambientes perturbados pelo ser humano, o que implica na dificuldade de se determinar com exatidão a sua distribuição original (Kameyama, 1995).

Ruellia brevifolia distingue-se das demais espécies de mesmo gênero por possuir inflorescência do tipo cimeira dividida em pares pedunculados e por apresentar curva constrita na base da corola (Marchioretto et al., 2015; Hammes, 2017). Além de tais características, também difere das espécies de mesmo gênero do presente estudo pela cor vermelha da corola e seus quatro estames homodínamos.

10. *Ruellia ciliatiflora* Hook., Bot. Mag. 1839; 66: t. 3718. Figura 11a-p.

Erva 21–35 cm alt. **Caule** alongado, quadrangular quando jovem, verde com tons arroxeados, tomentoso com tricomas tectores, elipsóide quando adulto; entrenó 3 – 10 × 0,25 – 0,3 cm. **Lâmina** 4,2 – 8 × 2,6 – 5,2 cm, ovada, elíptica ou oblonga, ápice arredondado ou obtuso, base atenuada raramente cuneada, margem inteira raramente crenada, venação eucamptódroma, ambas as faces de glabrescente a pubescente com tricomas simples concentrados nas nervuras; **pecíolo** 0,7 – 1,0 cm de compr., tomentoso com tricomas simples. **Inflorescências** axilares e terminais, as axilares são dicásias, 7,5 – 9,0 cm de compr. com pedúnculos 2,0 – 5,0 cm de compr., as terminais tirsos 6,5 – 15 cm de compr. com 3 a 4 dicásios e de 1 a 2 pares de flores solitárias, eixo tomentoso com

tricomas glandulares pedicelados. **Cálice** verde, sépalas iguais, linear lanceoladas, 1,0 – 0,1 cm compr., tomentosas com tricomas glandulares capitados. **Corola** lilás, tubo 2,0 cm de compr., porção estreita esverdeada, 1,0 cm de compr., porção dilatada 1,0 cm de compr., lilás. **Estames** epipétalos, didínamos, os menores 0,7 cm de compr., os maiores 1,0 cm compr., todos internos, filetes brancos, anteras brancas lanceoladas, bitecas, não calcaradas. **Estigma** lanceolado, estilete 1,6 cm de compr., ovário elíptico, 0,3 – 0,1 cm. **Cápsula** loculicida, elíptica, 1,2 – 1,5 × 0,25 – 0,3 cm. **Sementes** 9 – 11 por fruto, castanho-claras, circular achatadas.

Fenologia: Coletada com flores e frutos no mês de dezembro.

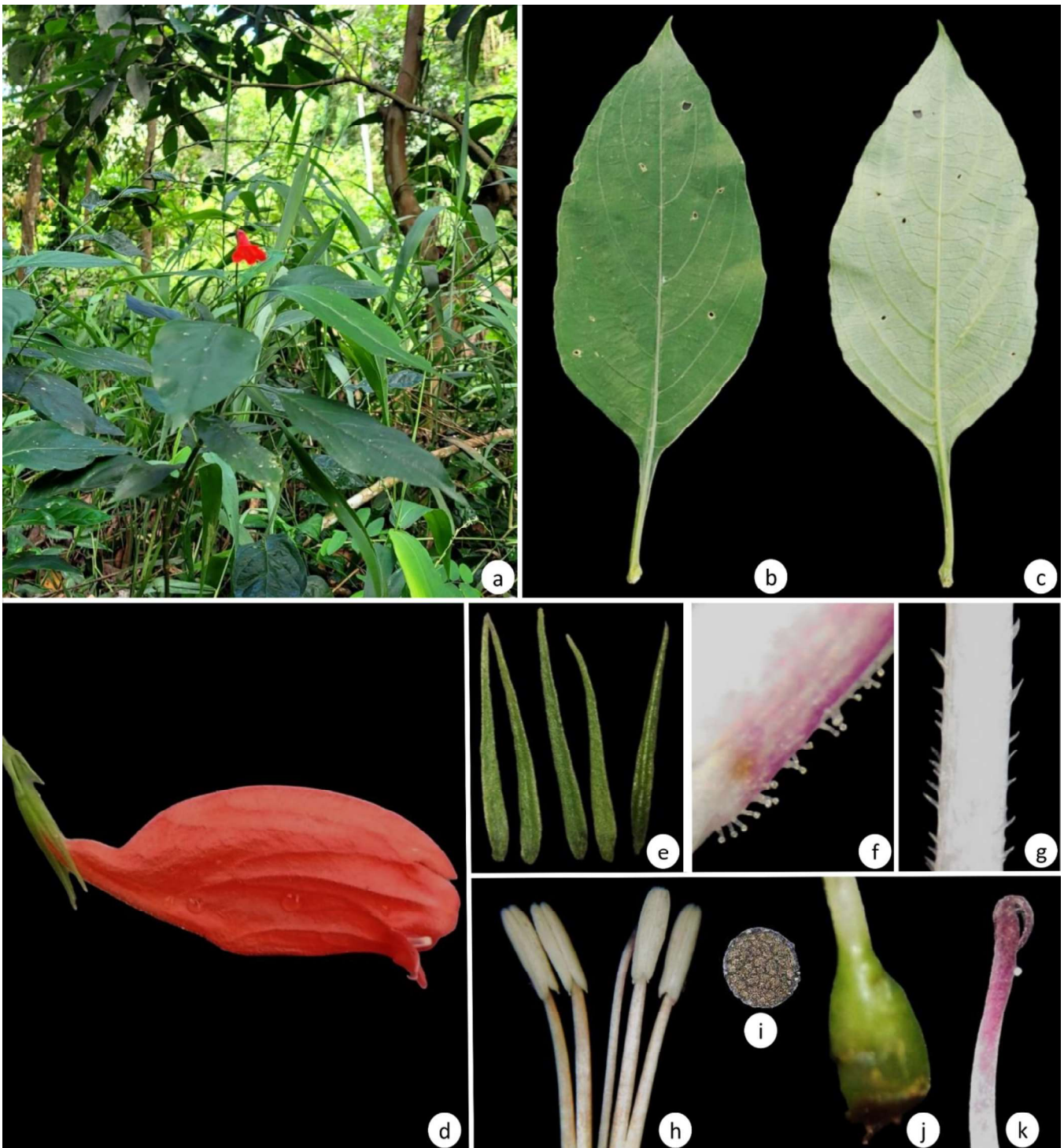
Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Bairro Recreio, Av. Jonas Hortelio, 96, 8/XII/2020, Novaes & Caires 08 (HUESBVC, HVC); Bairro Recreio, Av. Jonas Hortelio, 96, 17/XII/2021, Soares & Caires 01 (HUESBVC, HVC).

Ruellia ciliatiflora é endêmica da América do Sul, possui ocorrência na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Paraguai, Peru e Venezuela (Ezcurra, 1993; Tripp, 2007; CRIA, 2023). No Brasil, há apenas dois registros, um para o Espírito Santo e o outro para o Mato Grosso do Sul. Com o presente estudo, a Bahia passará a ter seu primeiro registro com a coleta realizada no município de Vitória da Conquista. Segundo Ezcurra (1993), *R. ciliatiflora* pode ser encontrada em locais abertos, úmidos, bem como margens de curso d'água, áreas secas, leitos de rios, clareiras de florestas e locais baldios. De acordo com a mesma autora, *R. ciliatiflora* floresce na primavera e no verão, assim como também, apresenta flores cleistógamas. Cooper et al. (2018), analisaram a deiscência explosiva do fruto de *R. ciliatiflora*, na qual observaram a velocidade 15 m/s e alcance de até 7 m, proporcionados pela força da explosão em si, associada ao formato e a como as sementes são lançadas pelos retináculos, fazendo com que sejam arremessadas girando para trás, possibilitando maior estabilidade e menos resistência do ar, favorecendo a disseminação das sementes. Neste estudo, a espécie foi coletada em área pavimentada e urbanizada.

11. *Ruellia geminiflora* Kunth, Nov. Gen. Sp. 1818; 2: 240. Figuras 12a-q; 16b, d.

Erva 40 – 60 cm alt. **Caule** ereto, oblongo a cilíndrico, ramos mais jovens verdes, ramos mais velhos beges, puberulentos a tomentosos, com tricomas tectores; entrenó 1,8 – 10,0 × 0,08 – 0,3 cm. **Lâmina** 3,5 – 8,5 × 1,4 – 3,3 cm, lance-ovada, ovada, raramente oblonga, elíptica a largamente elíptica, base cuneada, obtusa, ápice agudo, raramente arredondado, ambas as faces pubescentes com tricomas tectores, face abaxial com tricomas mais concentrados nas nervuras, as folhas jovens são pubescentes no ápice a tomentosas na base; **pecíolo** 0,5 – 1,3 cm de compr., tomentoso com tricomas tectores. **Inflorescência** com flores solitárias axilares, brácteas e bractéolas ausentes. **Cálice** verde, sépalas lineares, 1,4 – 1,8 cm compr., vilosas com tricomas tectores. **Corola** lilás, 4,5 cm compr., porção estreita do tubo 1,5 cm de compr., porção expandida do tubo 3,0 cm de compr., externamente pubescente com tricomas tectores. **Estames** epipétalos, didínamos, menores 1,0 cm de compr., maiores 1,5 cm de compr.; anteras bitecas não calcaradas. **Estigma** linear, estilete 3,5 cm de compr., pubescente com tricoma tectores; ovário 0,3 × 0,15 cm, ovado, tomentoso com tricomas tectores. **Fruto** não analisado.

Figura 10. *Ruellia brevifolia* (Pohl) C.Ezcurra. a. Hábito. b. Face adaxial da folha. c. Face abaxial da folha. d. Flor em perfil. e. Sépalas. f. Tricomas da antera. g. Tricomas do filete. h. Estames. i. Pólen. j. Ovário. k. Detalhe do estigma.



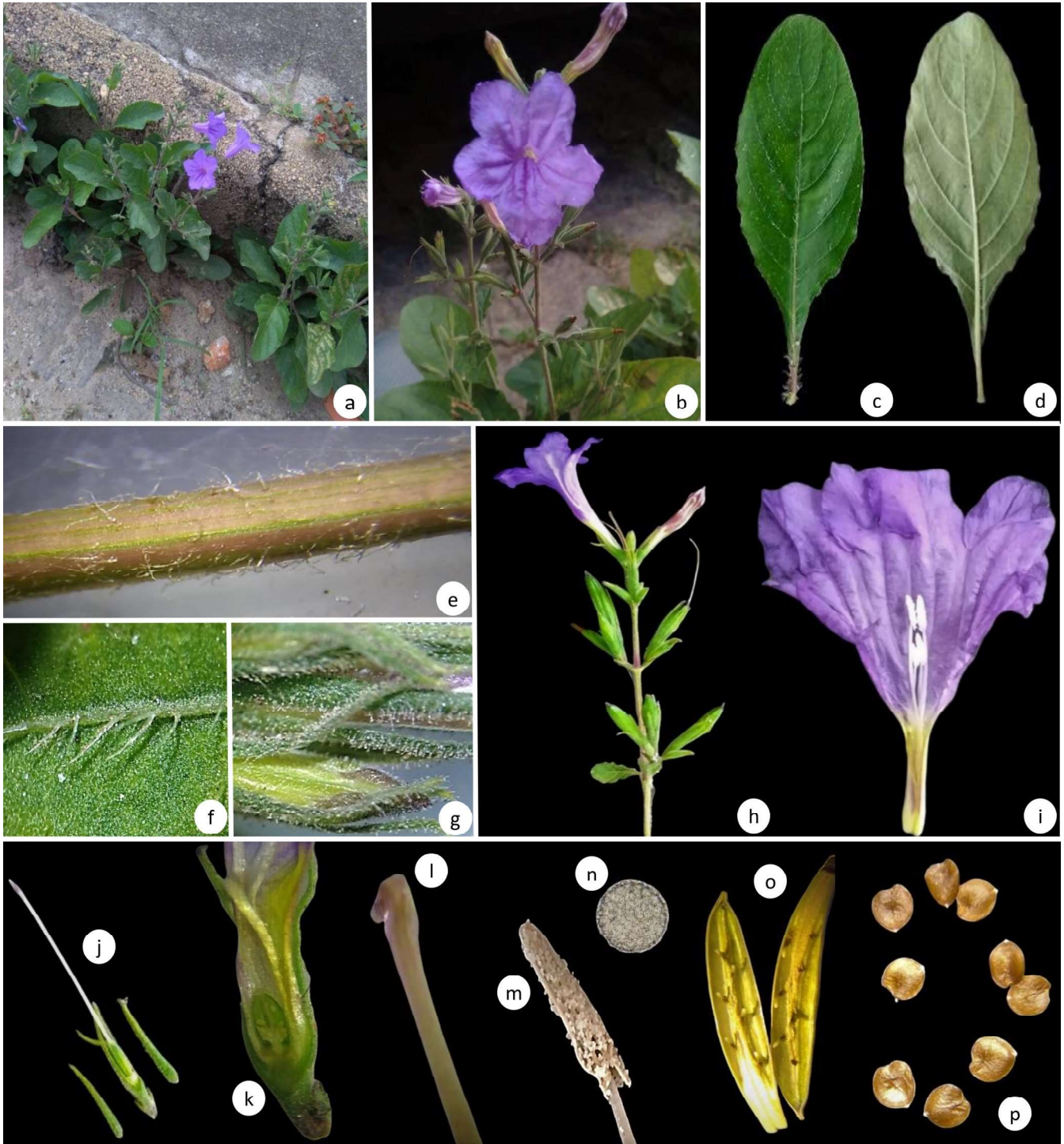
Fenologia: Coletada com flores no mês de fevereiro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Pradoso, 17/II/2023, Soares & Caires 16 (HVC).

Ruellia geminiflora apresenta distribuição Neotropical, com registros na Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Guiana, Guiana Francesa, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela (Kameyama, 1995; Silva, 2011). No Brasil, a espécie ocorre em todos estados, exceto Rondônia, e apresenta a maior parte de seus registros para região Sudeste e Centro-Oeste do país, sendo

encontrada em todos os domínios fitogeográficos (CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). Na Bahia, há 33 registros para *R. geminiflora*, localizados no extremo sul, sudoeste, centro-oeste, oeste e recôncavo baiano. Em Vitória da Conquista, há um possível registro para espécie (espécime Vidal 1055 (R) - não analisado). Com o presente trabalho as amostras registradas para Bahia e Vitória da Conquista são ampliadas (Figura 16b, d). Quanto ao tipo de vegetação, a espécie pode ser encontrada em áreas antrópicas, campo limpo, campo rupestre, Cerrado (*lato sensu*) ou Savana Amazônica (Flora e Funga do Brasil, 2023). *Ruellia geminiflora* é

Figura 11. *Ruellia ciliatiflora* Hook. a. Hábito. b. Detalhe da inflorescência. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe do caule e seus tricomas. f. Tricomas na nervura central da face adaxial da folha. g. Tricomas glandulares do cálice. h. Detalhe do dicásio e monocásio. i. Detalhe da flor. j. Detalhe do cálice e gineceu. k. Detalhe do ovário. l. Detalhe do estigma. m. Detalhe da antera. n. Grão de pólen. o. Fruto. p. Sementes.

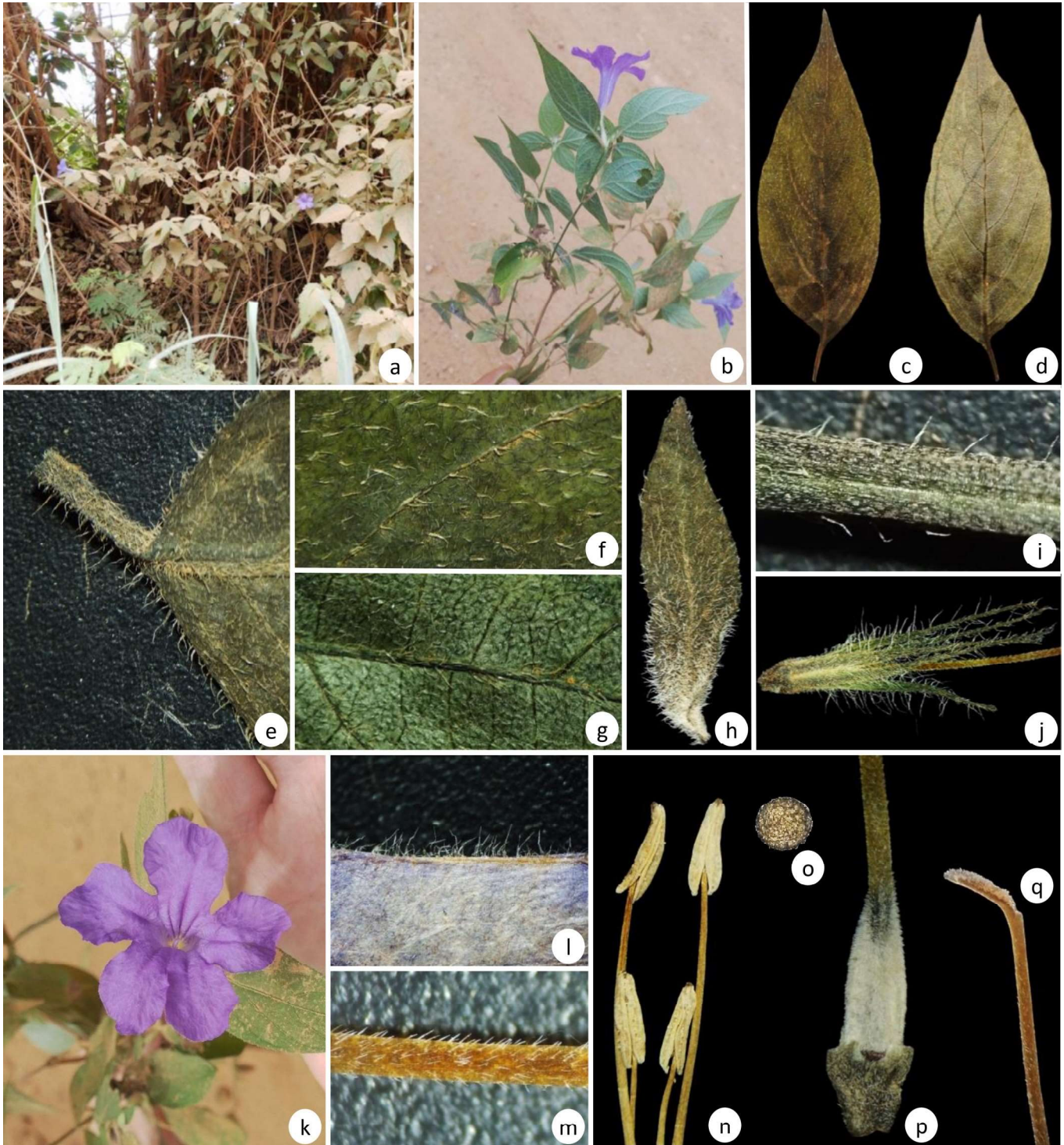


heliófito, geralmente habita locais ensolarados, terrenos abertos e em áreas que sofrem queimadas periodicamente (Ezcurra, 1993). A espécie possui a capacidade de rebrotar e florescer rapidamente ao término de uma queimada, sendo o fogo um dos fatores influentes em sua floração. As plantas possuem variabilidade nas formas de suas folhas e no tamanho de sua corola que se mostram menores quando comparadas àquelas que não passaram por um processo de queimada (Kameyama, 1995). Na área em estudo, a espécie foi coletada em beira de estrada.

12. *Ruellia paniculata* L., Sp. Pl. 1753; 2: 635. Figuras 13a-t; 16c, d.

Erva 30 – 50 cm alt. **Caule** quadrangular quando jovem e circular quando maduro, pubescente com tricomas tomentosos, entrenó 1,8 – 7,5 × 0,10 – 1,0 cm. **Lâmina** 2,6 – 5,2 × 0,8 – 2,2, ovadas a lanceoladas, base cuneada, ápice agudo, pubescentes com tricomas glandulares capitados em ambas as faces, margens densamente cobertas por tricomas tomentosos e glandulares capitados; **pecíolo** 0,3 – 1,4 × 0,06 – 0,08 cm compr., pubescente a tomentoso, com tricomas tomentosos e glandulares capitados. **Inflorescência** cimeira axilar e terminal, 4 – 8 cm compr., pedúnculo tomentoso com tricomas tomentosos; brácteas 2,3 – 3,5 ×

Figura 12. *Ruellia geminiflora* Kunth. a. Hábito. b. Detalhe do ramo, fértil. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe dos tricomas do pecíolo. f. Detalhe dos tricomas da face adaxial da folha. g. Detalhe dos tricomas da face abaxial da folha. h. Folha jovem. i. Detalhe dos tricomas do caule. j. Cálice. k. Detalhe da corola. l. Detalhe dos tricomas da corola. m. Detalhe dos tricomas do estilete. n. Estames. o. Grão de pólen. p. Ovário. q. Detalhe do estigma.



0,3 – 0,6 cm; bractéolas 0,7 – 1,9 × 0,08 – 0,10 cm. **Cálice** verde, sépalas desiguais, lineares, 0,8 – 1,3 × 0,10 – 0,5 cm, tomentosas com tricomas tectores e glandulares capitados. **Corola** lilás, 2,6 – 3,0 cm compr., pubescente na região externa com tricomas tectores e glandulares; porção estreita 1,7 – 1,9 cm compr., região abaxial apresenta uma faixa verde, região adaxial lilás; porção expandida 0,9 – 1,1 cm compr., lilás. **Estames** epipetalos, didínamos, menores 0,7 cm compr., maiores 1,0 cm compr., filetes brancos, glabros, anteras bitecas, brancas a amareladas, não calcaradas, puberulentas na

região oposta à deiscência, com tricomas glandulares capitados. **Estigma** lilás escuro, bilabiado, lábio inferior cinco vezes maior que o superior, estilete branco, 2,5 – 2,8 cm compr., pubescente com tricomas tectores; ovário 0,45 × 0,08 – 0,10 cm, oblongo, pubescente no ápice com tricomas tectores. **Cápsula** estreitamente elíptica, 1,3 – 1,5 × 0,35 – 0,40 cm. **Sementes** 8 – 10 sementes, beges, circular achatadas.

Fenologia: Coletada com flores no mês de setembro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Bairro Santa Marta, 01/IX/2019, *Novas & Caires* 01 (HUESBVC, HVC).

Ruellia paniculata é restrita ao Neotrópico, distribuída desde o México até o Brasil (Silva et al., 2010). No território brasileiro é bem amostrada, ocorrendo na região Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste (GO, DF) e Norte (TO) (CRIA, 2023; Flora e Funga do Brasil, 2023). A espécie possui maior ocorrência no Nordeste, sendo a Bahia o estado com maior número de registros, com cerca de 204 amostras bem distribuídas pelo território, com maior concentração no recôncavo baiano, não havendo registro apenas para o extremo sul (Figura 16c). Com o presente estudo, o município passa a ter o seu primeiro registro (Figura 16d).

Essa espécie ocorre nos domínios fitogeográficos da Caatinga, Mata Atlântica e Cerrado, em áreas antrópicas, Floresta Estacional Decidual, Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila e Cerrado (*latu sensu*) (Silva et al., 2010; Flora e Funga do Brasil, 2023). Segundo Castro e Cavalcante (2011) e Vasconcelos (2014), *Ruellia paniculata* é geralmente encontrada em solos caracterizados pela salinidade e propícios à umidade. No trabalho de Silva et al. (2010), a espécie foi encontrada em áreas sombreadas em meio a vegetação ou bordas de mata com solo arenoso. De acordo com Castro e Cavalcante (2011) é popularmente conhecida como “melosa-roxa”, tendo como característica marcante os inúmeros tricomas recobrimo os seus órgãos, além das folhas ásperas de aspecto pegajoso. Os autores também destacam a importância de *R. paniculata* na alimentação de diferentes espécies de abelhas durante o período de seca. Assim como outras espécies de Acanthaceae, *R. paniculata* também possui potencial medicinal, haja vista que Vasconcelos et al. (2023), tiveram bons resultados ao utilizar o óleo essencial da espécie em biofilmes contra estreptococos. Na área em estudo, foi coletada em local pouco sombreado próximo à área com alagamento em períodos de chuvas, exalava cheiro adocicado, principalmente em suas folhas.

Segundo Pessoa (2012) era recorrente em Minas Gerais a identificação da maioria das espécies de *Ruellia inundata* Kunth como *Ruellia paniculata* L. No entanto, embora semelhantes, essas espécies podem ser diferenciadas pelo fruto, sendo que a primeira apresenta uma cápsula clavada e a segunda uma cápsula elipsóide ou cilíndrica.

13. *Ruellia* sp. Figura 14a-p.

Erva 20 – 50 cm alt. **Caule** quadrangular, verde, glabrescente, glândulas sésses presentes, entrenó 1,6 – 9,5 × 0,1 – 0,2 cm. **Lâmina** 1,7 – 7,0 × 0,6 – 2,6 cm, ovada a largamente ovada, base atenuada a cuneada, ápice estreitamente agudo, agudo e raramente obtuso, margem inteira, venação eucamptódromas, tricomas tectores restritos à margem; **pecíolo** 0,4 – 1,2 cm compr., glabro. **Inflorescência** em fascículos terminais, sésses, 1 – 2 flores, brácteas 0,7 – 1,0 × 0,25 – 0,4 cm. **Cálice** verde, sépalas iguais, lineares a oblanceoladas, tomentosas com tricomas glandulares pilados. **Corola** lilás claro, pubescente externamente com tricomas tectores e glandulares pilados, glabrescente internamente, tubo 2,5 cm de compr., região estreita do tubo branca, 1,5 cm compr., região expandida lilás claro, 1,0 cm compr. **Estames** epipétalos, didíma-

mos, internos, menores 0,7 cm compr., maiores 0,9 cm compr., brancos, glabros; anteras brancas, lanceoladas, não calcaradas, bitecas. **Estigma** bifido, estilete branco, 1,9 – 2,1 cm compr., tomentoso com tricomas tectores na base; ovário elíptico, 0,4 × 0,1 cm, puberulento na base a tomentoso no ápice com tricomas glandulares capitados. **Cápsula** loculicida, oblanceolada, castanho claro, 1,2 × 0,4 cm. **Semente** 1, marrom escuro, circular achatada.

Fenologia: Coletada com flores e frutos no mês de fevereiro.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Bairro Espírito Santo, 27/II/2020 *Novas & Caires* 5 (HUESBVC, HVC); Reserva Belo Vale, 13/04/2024, *Soares & Caires* 91 (HVC).

As chaves presentes em Ezcurra (1993) e Flora e Funga do Brasil (2023) nos levavam para *Ruellia hypericoides* (Nees) Lindau, no entanto, essa espécie geralmente é encontrada no domínio de Pampa, em campos limpos, com ocorrência apenas para sul do Brasil, contrastando com o espécime do presente estudo encontrado em uma vegetação de mata-de-cipó, consequente da tensão ecológica entre Caatinga e Mata Atlântica. Já Pessoa (2012), nos levou para *Ruellia menthoides* (Nees) Hiern. No entanto, as características de comprimento da porção estreita e expandida do tubo da corola e a presença de brácteas e bractéolas presentes na descrição diferem das observadas no espécime aqui apresentado.

14. *Thysacanthus ramosissimus* Moric., Pl. Nouv. Amer. 1847; 9: 165. Figuras 15a-m; 16c-d.

Arbusto 1,0 a 3,0 m alt. **Caule** elíptico a cilíndrico, verde escuro, puberulento com tricomas tectores, entrenó 1,5 – 7,5 × 0,15 – 0,4 cm. **Lâmina** 1,0 – 7,8 × 0,5 – 3,4 cm, glabras a puberulentas em ambas as faces, ovada, lanceolada, elíptica, ápice estreitamente agudo a agudo, base oblíqua, margem inteira, venação eucamptódroma; **pecíolo** 0,1 – 0,3 cm compr., glabro. **Inflorescência** tirso de monócásios, axilares ou terminais, 2,0 – 15,5 cm de compr., pedúnculo 1,0 – 1,5 cm de compr.; bráctea 0,2 – 0,8 × 0,05 – 0,2 cm, linear a lanceolada; bractéola 0,1 – 0,25 cm de compr. **Cálice** verde, sépalas iguais, lanceoladas, 0,2 – 0,4 × 0,08 – 0,1 cm, pubescentes com tricomas glandulares. **Corola** vermelha, labiada, 2,5 – 3,5 cm de compr., tubo 1,9 – 2,7 cm de compr., pedicelo 0,3 – 0,5 cm compr., lábio superior composto por duas lacíneas fusionadas, 0,8 × 0,4 cm, lábio inferior composto por três lacíneas, 0,4 – 0,7 × 0,2 – 0,4 cm, sendo 2 lacíneas lateralizadas. **Estames** 2, exertos, 2,8 – 3,3 cm de compr., filetes vermelhos, anteras vermelho-alaranjadas, bitecas. **Estigma** clavado, estilete vermelho, 2,2 – 4,2 cm compr.; ovário 0,25 × 0,15 cm. **Cápsula** loculicida, 1,3 – 1,5 cm compr.; sementes 1 – 3 por fruto, castanho claro, 0,35 × 0,40 cm.

Fenologia: Coletada com flores nos meses de fevereiro, março, abril, maio e junho e com frutos nos meses de maio e junho.

Material examinado: BRASIL, Bahia: Vitória da Conquista, Matinha da UESB, 27/I/2014, *Oliveira* et al. 34 (HVC); Fazenda Vereda Grande do Periperi, 2018, Ferraz et al. 20 (HVC); Entre Av B e Av I do Bairro Espírito Santo, 27/II/2020, *Novas & Caires* 03 (HUESBVC, HVC); Matinha da UESB, 13/III/2020, *Novas & Caires* 06 (HUESBVC, HVC); Estrada para São Sebastião, 10/IV/2022, *Soares* et al. 03 (HUESBVC, HVC); Estrada para São Sebastião, 10/IV/2022, *Soares* et al. 04 (HUESBVC, HVC); Estrada de saída do povoado de Itaipu, 10/IV/2022, *Soares* et al. 07

Figura 13. *Ruellia paniculata* L. a. Hábito. b. Detalhe da flor. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe do caule. f. Detalhe dos tricomas da folha. g. Detalhe dos tricomas do estilete. h. Detalhe dos tricomas da antera. i. Bráctea. j. Bractéola. k. Cálice. l. Detalhe da flor. m. Estames. n. Pólen. o. Ovário. p. Estilete. q. Fruto fechado. r. Fruto aberto com sementes. s. Detalhe dos retináculos. t. Semente.

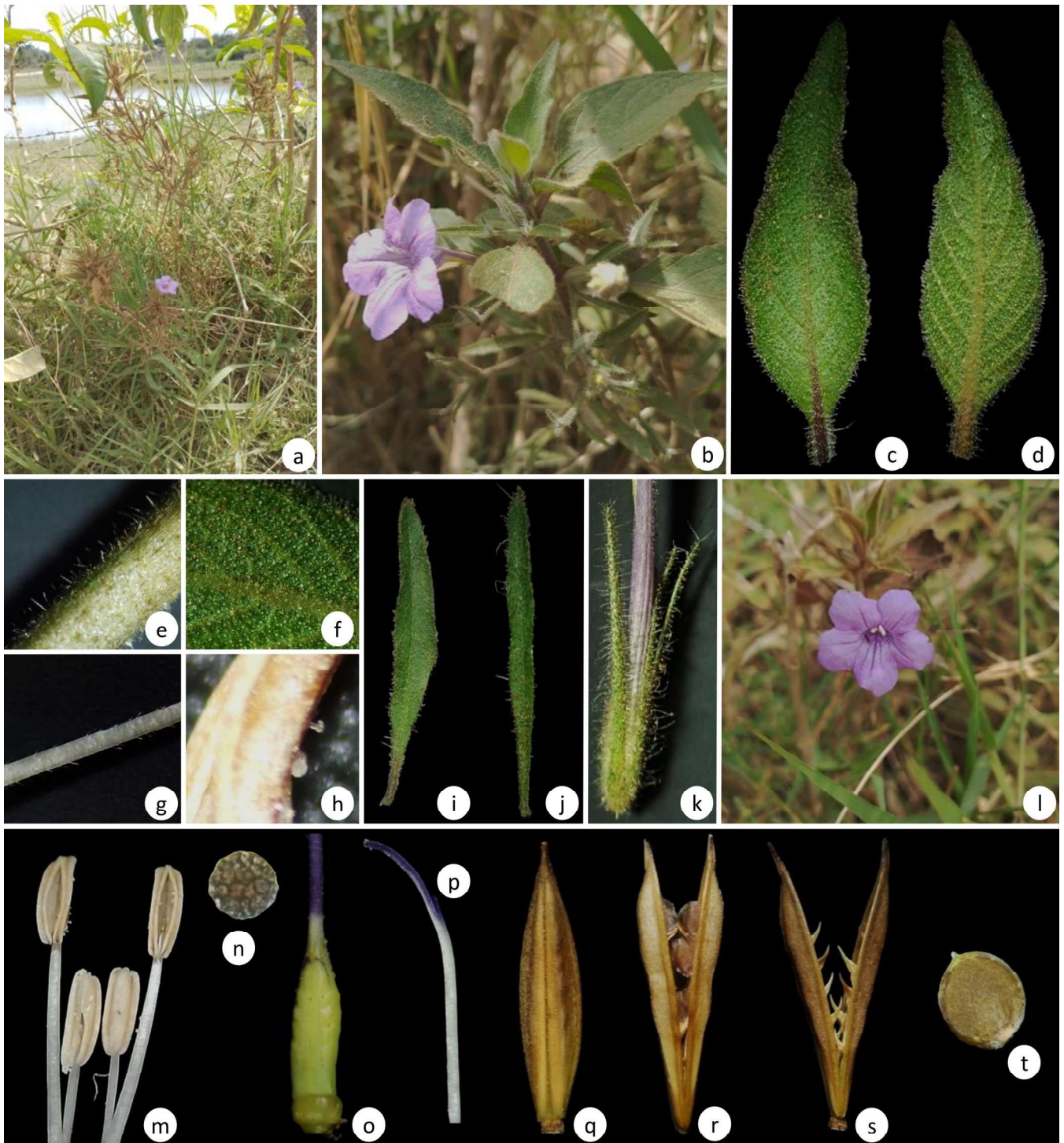


Figura 14. *Ruellia* sp. a. Hábito. b. Detalhe da corola. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe dos tricomas da folha. f. Detalhe do caule. g. Vista lateral da flor. h. Detalhe dos tricomas da corola. i. Detalhe dos tricomas do cálice. j. Estames. k. Detalhe da antera. l. Pólen. m. Ovário. n. Detalhe do estigma. o. Fruto aberto. p. Semente.

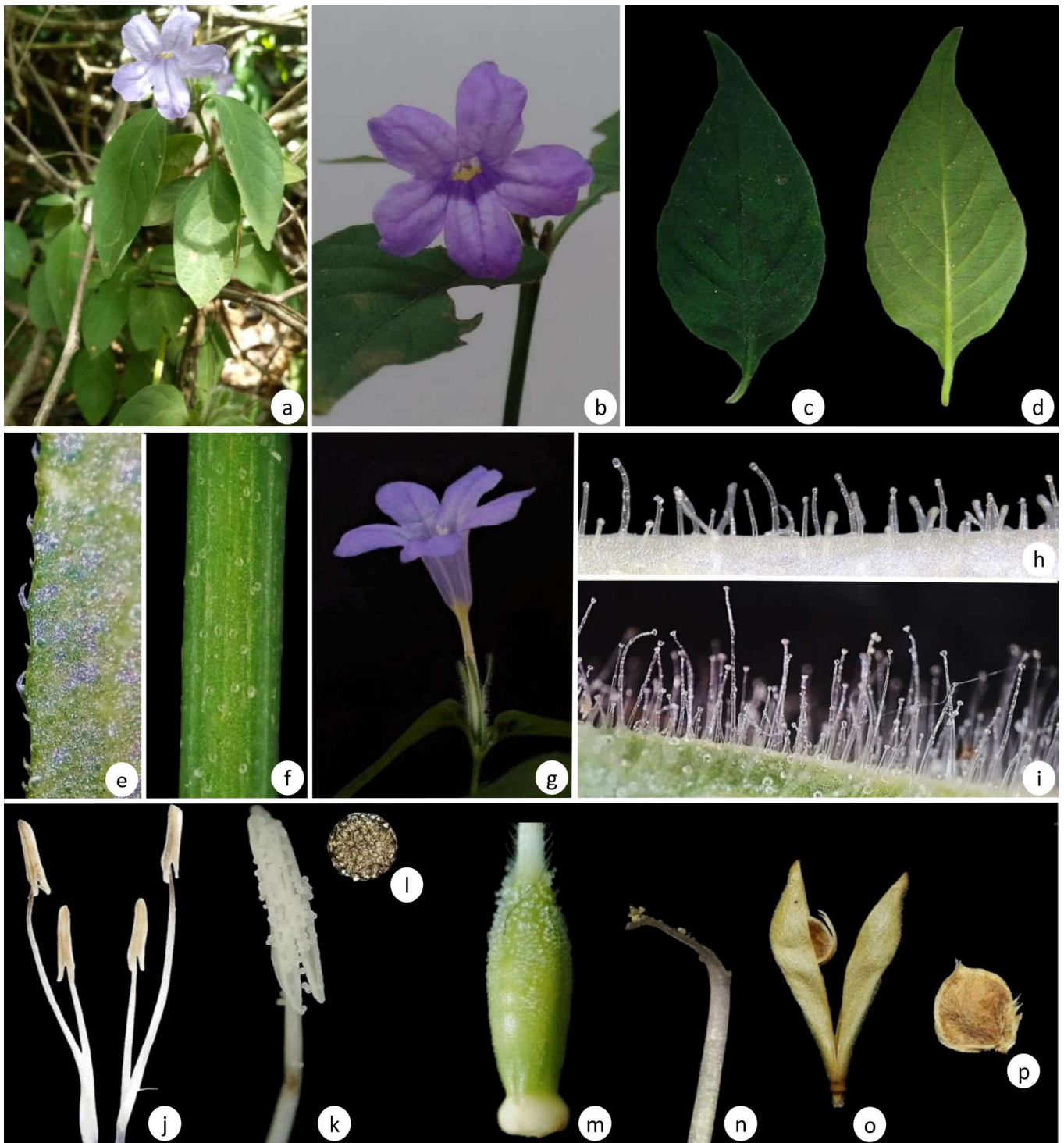
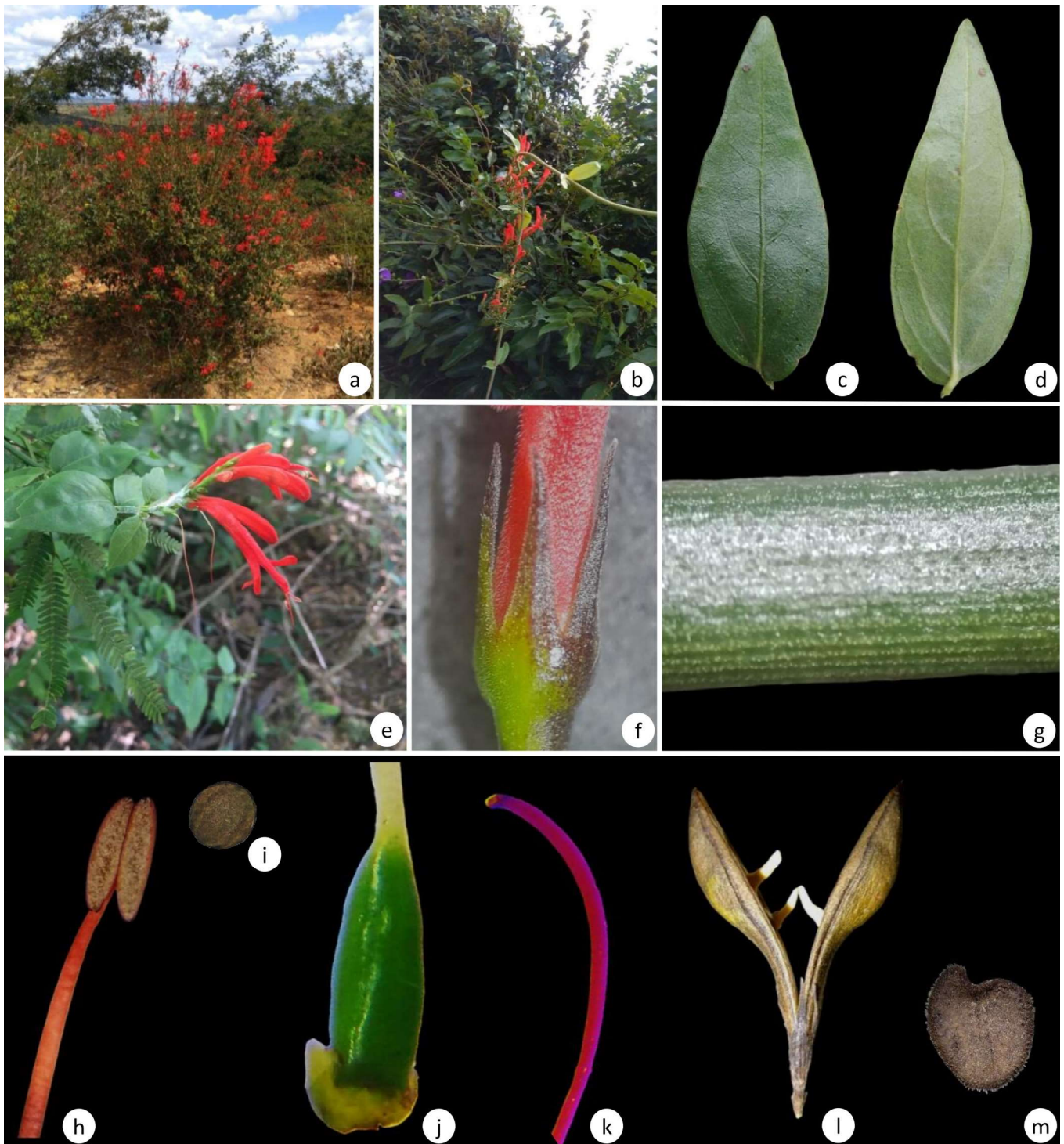


Figura 15. *Thysacanthus ramosissimus* Moric. a. Hábito. b. Detalhe da inflorescência. c. Face adaxial da folha. d. Face abaxial da folha. e. Detalhe da flor. f. Detalhe do cálice. g. Detalhe do caule. h. Estame. i. Pólen. j. Ovário. k. Estilete. l. Fruto. m. Semente.



(HUESBVC, HVC); Estrada sentido José Gonçalves – São Sebastião, 10/IV/2022, *Soares & Caires* 10 (HUESBVC, HVC); Iguá, 17/02/2023, *Soares & Caires* 17 (HUESBVC, HVC); Matinha da UESB, 23/III/2023, *Soares & Damasceno* 19 (HVC); Iguá, 02/IV/2023, *Soares & Caires* 21 (HUESBVC, HVC); Iguá, 02/IV/2023, *Soares & Caires* 22 (HUESBVC, HVC); Iguá - Campo Formoso, 02/IV/2023, *Soares & Caires* 24 (HUESBVC, HVC); Cabeceira da Jibóia, 13/V/2023, *Soares & Caires* 28 (HUESBVC, HVC); Veredinha, 13/V/2023, *Soares & Caires* 31 (HVC); Reserva Belo Vale, 13/04/2024, *Soares & Caires* 87 (HVC). Belo Campo, Tamanduá, 02/IV/2023, *Soares & Caires* 26 (HUESBVC, HVC).

Thysacanthus ramosissimus é endêmica do Brasil, ocorrendo na região Nordeste (AL, PE, RN, PB, CE), Sudeste (MG) e Centro-Oeste (MS). A espécie geralmente é encontrada na Caatinga (*strictu sensu*), Floresta Ciliar ou Galeria, Floresta Estacional Decidual e Restinga, mas também pode ocorrer em Cerrado e áreas de Mata Atlântica (Silva, 2020; CRIA, 2023). A Bahia é o estado melhor amostrado com 224 registros, distribuídos pelas regiões sudoeste, centro-oeste, norte e apenas um no extremo sul do estado (CRIA, 2023). Em Vitória da Conquista, havia quatro registros localizados na Serra do Periperi e distrito de José Gonçalves (CRIA, 2023). Com o presente estudo, as amostras registradas para a Bahia e Vitória da Conquista foram ampliadas (Figura 16c, d). Segundo Cortes e Rapini (2013), *T. ramosissimus* é comum no semiárido baiano, normalmente avistada em bordas de mata de Cerrado, Caatinga arbustiva-arbórea e mata-de-cipó,

em solos argilosos ou arenosos. É válido ressaltar que há um histórico do uso incorreto do nome *Anisacanthus brasiliensis* Lindau para *T. ramosissimus* em rótulos de herbários e estudos florísticos e filogenéticos (Cortes et al., 2011). Na área em estudo, a espécie foi coletada em beiras de estradas e bordas de fragmentos de mata-de-cipó, com incidência direta de luz ou em meia sombra e destaca-se como a espécie de Acanthaceae mais comum no município.

Conclusão

Com o presente estudo, obtivemos nove novos registros e 32 novos pontos de ocorrência de Acanthaceae para Vitória da Conquista, além daqueles que correspondem ao trabalho de Novaes e Caires (2021), evidenciando a potencialidade de riqueza e distribuição da família no município. É válido ressaltar que duas das novas ocorrências, *Ruellia brevifolia* e *Ruellia ciliatiflora* são registros inéditos para a região Nordeste do Brasil e, conseqüentemente, para a Bahia. Portanto, concluímos que o município de Vitória da Conquista passa a apresentar oito gêneros e 14 espécies de Acanthaceae, ampliando os resultados de Caires et al. (2021), os quais indicavam apenas três gêneros e cinco espécies para Vitória da Conquista, sendo que duas das espécies listadas, *Apbellandra verrugensis* e *Clistax brasiliensis*, não foram confirmadas para o município. Além de agregar novas ocorrências aos trabalhos anteriores, os resultados aqui apresentados ampliaram as informações sobre a família e acrescentaram conhecimento sobre a flora da Bahia, ampliando também o acervo dos herbários locais.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Carlos André Espolador Leitão, pela companhia e ajuda durante as coletas nos Distritos de São Sebastião e José Gonçalves; à professora Dra. Cecília Oliveira de Azevedo, pelas coletas de *Lepidagathis nemoralis* e *Poikilacanthus bahiensis*; ao professor Dr. Alexandre Indriunas, pela ajuda com a identificação da *L. nemoralis*; à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pelo apoio logístico; ao Laboratório de Botânica, pelos espaços e equipamentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa; ao Programa de Iniciação Científica PIBIC/UESB e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica ao primeiro autor.

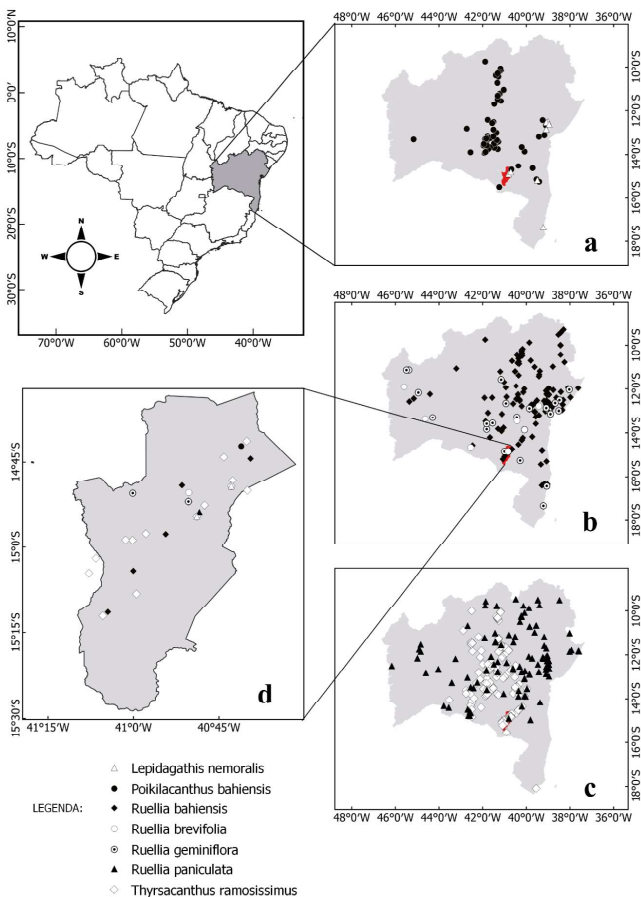
Financiamento

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por meio da bolsa de Iniciação Científica concedida ao primeiro autor (BOL 0799/2021), vinculada ao projeto de pesquisa "Flora de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil: Monilófitas e Superasterídeas".

Contribuições de Autoria

Conceitualização: CSC. Curadoria de dados: GCS. Análise formal: CSC, GCS. Aquisição de financiamento: CSC. Investigação: CSC, GCS. Metodologia: CSC, GCS. Administração do projeto: CSC. Recursos: CSC. Programas: GCS. Supervisão: CSC. Redação - rascunho original: GCS. Redação - revisão e edição: CSC, GCS.

Figura 16. Mapas de distribuição de Acanthaceae para a Bahia e Vitória da Conquista. a. Distribuição de *Lepidagathis nemoralis* e *Poikilacanthus bahiensis* para o estado da Bahia. b. Distribuição de *Ruellia bahiensis*, *Ruellia brevifolia* e *Ruellia geminiflora* para o estado da Bahia. c. Distribuição de *Ruellia paniculata* e *Thysacanthus ramosissimus*. d. Mapa de distribuição das espécies mencionadas anteriormente para o município de Vitória da Conquista.



Conflito de Interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse a informar.

Disponibilidade dos Dados

Os dados integrais analisados para o estudo atual estão apresentados no corpo do manuscrito e os espécimes serão depositados nos herbários HUESBVC e HVC.

Conformidade Ética

O acesso ao patrimônio genético aqui apresentado foi cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético (SisGen) sob o número A36321C.

Referências

- Akhter S, Hossain MW, Sultana S, Jharna JF, Meghla NS; Alam R.; Anis-Ul-Haque, KM, Rahman MM. *Ruellia prostrata* Poir. activity evaluated by phytoconstituents, antioxidant, anti-inflammatory, antibacterial activity, and in silico molecular functions. *Journal of Saudi Chemical Society* 2022;26(1):101401. doi: 10.1016/j.jscs.2021.101401
- Alves DC, Sampaio, AVO, Sampaio, VS. Percepção ambiental de unidades de conservação: estudo sobre as Lagoas das Bateias e do Jurema em Vitória da Conquista (BA). *Geopauta* 2017;1(3):1–21. doi: 10.22481/rg.v1i3.2334
- APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 2016;181(1):1–20.
- APG I. An ordinal classification for the families of flowering plants. . APG I. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 1998;85(4):531–553.
- Azevedo CO, Santos MC, Marinho LC. Orchidaceae no município de Vitória da Conquista, Bahia: lista de espécies e similaridade florística entre áreas da Bahia e Minas Gerais. *Paubrasil* 2021;4:e0065. doi: 10.33447/paubrasil.2021.e0065
- Azevedo CO, Caires CS, Trierveiler-Pereira L. Primeiro registro de Lysuraceae Corda (Phallales, Basidiomycota, Fungi) para o Nordeste brasileiro. *Hoehnea* 2021; 48:e062021. doi: 10.1590/2236-8906-06/2021
- Awan AJ, Ahmed CB, Uzair M, Aslam MS, Farooq U, Ishfaq K. Family Acanthaceae and genus *Aphelandra*: ethnopharmacological and phytochemical review. *Int J Pharm Pharm Sci.* 2014;10(6):44-55.
- Barbosa LL, Veiga AJP, Silva AAA. Variabilidade da temperatura em Vitória da Conquista-BA, de 2016-2017. *Revista Equador* 2019;8, (2):223-239. doi: 10.26694/equador.v8i2.9225
- Benedicts NMSM. Política ambiental e desenvolvimento urbano na Serra do Periperi em Vitória da Conquista, BA [dissertação]. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2007.
- Braz DM, Azevedo IHF. Acanthaceae da Marambaia, Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Hoehnea*. 2016;43(3):497-516. doi: 10.1590/2236-8906-12/2016
- Braz DM, Azevedo IHF, Salimena, FRG, Menini L. Acanthaceae in the Serra Negra, Minas Gerais, Brazil. *Rodriguésia* 2022;73:e00732021. doi: 10.1590/2175-7860202273070
- Braz DM, Daniel TF, Kiel C, Gao A, Sagrika J, Monteiro R. *Aymoreana* (Nelsonioideae, Acanthaceae), a New Genus Endemic to Brazil. *Systematic Botany* 2021;46(1):211–217. doi: 10.1600/036364421X16128061189530
- Bremekamp CEB. Delimitation and subdivision of the Acanthaceae. *Nelumbo* 1965;7(1-4):21-30.
- Brenes-Soto AB. Respuesta productiva de conejos alimentados con follaje fresco de nacedero (*Trichanthera gigantea*, Lamiales: Acanthaceae). *UNED Research Journal/Cuadernos de Investigación UNED* 2015;6(2):205-211.
- Cabral AGS, Tenório-Souza FH, Moura MD, Mota SGR, Lins ACS, DIAS CS, Barbosa-Filho JM, Giulietti AM, Silva TMS, Santos CFD. Phaeophytins from *Thyrsacanthus ramosissimus* Moric. with inhibitory activity on human dna topoisomerase II- α . *Química Nova* 2012;35(11):2222-2225.
- Caires CS, Souza AM, Machado AFP, Santos AKA, Moura JN, Oliveira LMN, Cota MRC, Meneguzzo TEC, Azevedo CO. O estado da arte das coleções botânicas em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Heringeriana* 2021;15:101-177. doi: 17648/heringeriana.v15i1.917961.
- Caires CS, Santos AA, Soares GC. Balanophoraceae e Velloziaceae, dois novos registros para Vitória da Conquista, Bahia. *Paubrasil* 2023;6:e113. doi: 10.33447/paubrasil.2023.e0113
- Castro AS, Cavalcante A. Flores da caatinga. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Instituto Nacional do Semiárido; 2010.
- Cavanaugh KC, Kellner JR, Forde AJ, Gruner DS, Parker JD, Rodriguez W, Feller IC. Poleward expansion of mangroves is a threshold response to decreased frequency of extreme cold events. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 2014;111(2):723-727. doi: 10.1073/pnas.1315800111
- Chagas EC, Lima JLC. Five new species of *Ruellia* (Acanthaceae) from the Atlantic Forest of northeastern Brazil. *Neodiversity* 2020;13:39-55.
- Chauhan NS, Dixit VK. Asteracantha longifolia (L.) Nees, Acanthaceae: chemistry, traditional, medicinal uses and its pharmacological activities-a review. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 2010;20(5):812-817. doi: 10.1590/S0102-695X2010005000022
- Centro Nacional de Conservação da Flora - CNCFLORA [Internet]. [acesso em 17 nov 2023]. Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/listavermelha>.
- Cooper ES, Mosher MA, Cross CM, Whitaker DL. Gyroscopic stabilization minimizes drag on *Ruellia ciliatiflora* seeds. *Journal of the Royal Society Interface* 2018;15:20170901. doi: 10.1098/rsif.2017.0901
- Côrtes ALA, Rapini A. Four new species of *Justicia* (Acanthaceae) from the Caatinga biome of Bahia, Brazil. *Kew Bulletin* 2011;66 (3):453-461. doi: 10.1007/s12225-011-9295-7
- Côrtes ALA, Rapini A. Justiciaeae (Acanthaceae) do semiárido do estado da Bahia, Brasil. *Hoehnea* 2013;40(2):253-292. doi: 10.1590/S2236-89062013000200003
- Centro de Referência e Informação Ambiental – CRIA [Internet]. [acesso em 17 de nov 2023].
- Daniel T. *Avicennia* (Acanthaceae: Avicennioideae) in North America and Mesoamerica. *Proceedings of the California Academy of Sciences* 2016;63(5):163-189
- Daniel, TF. A synopsis of *Poikilacanthus* (Acanthaceae) in Mexico. *Bulletin of the Torrey Botanical Club* 1991:451-458. doi: 10.2307/2997097.
- Ezcurra, C. *Ruellia sanguinea* (Acanthaceae) y especies relacionadas en Argentina, Uruguay y sur de Brasil. *Darwiniana* 1989:269-287.
- Ezcurra C. Systematics of *Ruellia* (Acanthaceae) in southern south America. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 1993;80 (4):787-845. doi: 10.2307/2399931
- Ezcurra, C. El género *Justicia* (Acanthaceae) en Sudamérica Austral. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 2002:225-280. doi:10.2307/3298565
- Fidalgo O, Bononi VLR. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. São Paulo: Instituto de Botânica; 1989.
- FLORA E FUNGA DO BRASIL 2022 [internet]. Rio de Janeiro: JBR [acesso em 17 nov 2023]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>
- Giulietti AM, De Queiroz DE LP, Dos Santos Silva TR, França F, Guedes ML, Amorim AM. Flora da Bahia. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* 2006;6(3):169-173. doi: 10.13102/scb8174.
- Hammes JK. Flora de Acanthaceae Juss. e Verbenaceae J.St.-Hil. (Lamiales) no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, Brasil. 2017.

- [dissertação]. Paraná, Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.
- Hammes JK, Silva MG, Kameyama C, Temponi LG. Flora of Acanthaceae of Iguazu National Park, Paraná, Brazil. *Rodriguésia* 2021;72. doi: 10.1590/2175-7860202172007.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/vitoria-da-conquista.html> Acesso em: 23 nov. 2022.
- Indriunas A. Revisão taxonômica de *Herpetacanthus* Nees (Acanthaceae) [dissertação]. São Paulo: Instituto de Botânica da Secretaria de Estado do Meio Ambiente; 2011.
- Kameyama, C. Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Acanthaceae. *Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo* 1995;14:181-206.
- Kameyama C. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Acanthaceae. *Rodriguésia* 2006;57:149-154.
- Kameyama C. New species, nomenclatural changes and lectotypifications in Neotropical *Lepidagathis* Willd. (Acanthaceae). *Kew Bulletin* 2008;63(4):565-581. doi: 10.1007/s12225-008-9066-2
- Kiel CA, Daniel TF, Mcdade LA. Phylogenetics of New World 'justicioids' (Justicieae: Acanthaceae): Major lineages, morphological patterns, and widespread incongruence with classification. *Systematic Botany* 2018;43(2): 459-484. doi: 10.1600/036364418X697201
- Koipillai YJ, Wilson S. *In vitro* Propagation of *Graptophyllum pictum* L. (Acanthaceae)-A Medicinal plant. *Journal of Pharmacy Research* 2010;3(9):2201-2202.
- Kojima RK, Kameyama C, Magenta MAG. Acanthaceae Juss. no Parque Estadual Restinga de Bertiooga, Estado de São Paulo, Brasil. *Hoehnea* 2019;46(1). doi: 10.1590/2236-8906-46/2018.
- Lima, MR. Estratégias de propagação para espécies subarborescentes de Acanthaceae Juss. com potencial ornamental [dissertação]. Brasília, DF: Universidade de Brasília; 2012.
- Lauro A. Análise do uso e ocupação da terra e, Vitória da Conquista, Barra do Choça e Planalto: Estudo das transformações socioambientais a partir da implantação da lavoura cafeeira (1970 a 2008) [dissertação]. Bahia: Universidade Federal da Bahia; 2011.
- Leitão, C. A. E. Portable digital camera or smartphone as tools for micrographs obtention straight from the microscope eyepiece. *Advances in Biotechnology e Microbiology* 2020;15(5). doi: 10.19080/AIBM.2020.15.555924
- Maia MR. Zoneamento geoambiental do município de Vitória da Conquista-BA: um subsídio ao planejamento [dissertação]. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia; 2005.
- Manzitto-Tripp EA, Darbyshire I, Daniel TF, Kiel CA, Mcdade LA. Revised classification of Acanthaceae and worldwide dichotomous keys. *Taxon* 2022;71(1):103-153. doi: 10.1002/tax.12600
- Marchioreto MS, Silva VRSP, Parode MF. A família Acanthaceae Juss. no Rio Grande do Sul. *Instituto Anchieta de Pesquisas* 2015;68:7-82.
- Marinho LC, Azevedo CO. Orchidaceae na Reserva do Poço Escuro, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 2013;13:1-14. doi: 10.13102/scb213
- Marinho LC, Leitão CAE. Herborization hot chamber set upon a steel stand: a low-cost alternative for laboratories in developing. *Revista Biociências* 2014;20(2):32-39.
- Matias R, Consolaro H. Polinização e sistema reprodutivo de Acanthaceae Juss. no Brasil: uma revisão. *Bioscience Journal* 2015;31(3):890-907.
- Monteiro FKS, Pinto AS, Costa FCP, Melo JIM. A taxonomic synopsis of Acanthaceae Juss. native to Paraíba State, Brazil. *Harvard Papers in Botany* 2018;23(2):189-204. doi: 10.3100/hpb.v23iss2.2018.n5
- Moraes PLR.. Notes and lectotypification of names based on Brazilian collections of Prince Maximilian of Wied. *Kew Bulletin* 2011;66(4):493-503. doi: 10.1007/s12225-011-9315-7
- Mori SA, Silva LAM, Lisboa G, Coradin L. Manual de manejo do herbário fanerogâmico. Centro de Pesquisa do Cacau, Ilhéus 1989. doi:
- Moura JN, Caires CS. Haloragaceae, Hypoxidaceae e Typhaceae no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Paubrasilia* 2022;5:e0086. doi: 10.33447/paubrasilia.2022.e0086
- Moura JN, Caires CS. A família Solanaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Paubrasilia* 2021;4: e0049. doi: 10.33447/paubrasilia.2021.e0049
- Nath S, Buragohain AK. Micropropagation of *Adhatoda vasica* Nees – A woody medicinal plant by shoot tip culture. *Indian Journal of Biotechnology* 2005;4:396-399.
- Ness Von Esenbeck CG. Acanthaceae. *Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis* 1847 b;11:46-519.
- Ness Von Esenbeck CG, Martius CFP. Acanthaceae. *Flora Brasiliensis* 1847 a;9:1-164.
- Novaes FV, Caires CS. Acanthaceae Juss. em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Anais do 71º Congresso Nacional de Botânica de 27/06 a 02/07 de 2021, Goiânia: Cegraf UFG* 2021:483-484.
- Oliveira AFM, Andrade LDHC. Caracterização morfológica de *Justicia pectoralis* Jacq. e *J. gendarussa* Burm. F. (Acanthaceae). *Acta Amazonica* 2000;30:569-569. doi: 10.1590/1809-43922000304578.
- Pessoa CS. *Ruellia* L. (Acanthaceae) no Estado de Minas Gerais [dissertação]. Viçosa, Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa; 2012. doi: 10.1590/1809-43922000304578.
- Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista – PMVC. Código Municipal do Meio Ambiente [Internet]. [Vitória da Conquista]: PMVC; 2007. [acesso em: 17 nov. 2023]. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/>
- Prefeitura de Vitória da Conquista – PMVC. Plano de Manejo do Parque Municipal da Serra do Periperi. [Internet]. [Vitória da Conquista]: PMVC; 2012. [acesso em: 17 nov. 2023] Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/>
- Polidoro BA, Carpenter KE, Collins L, Duke NC, Ellison AM. The loss of species: mangrove extinction risk and geographic areas of global concern. *PloS one* 2010;5(4):e10095. doi: 10.1371/journal.pone.0010095.
- Profice SR, Andreato RHP. Revisão taxonômica de *Apbeldandra* R. Br. (Acanthaceae) de corola curto-bilabiada. *Pesquisas, Botânica* 2011;62:7-70.
- Profice SR. Acanthaceae Juss. da Reserva Rio Das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Pesquisas, Botânica* 2013;64:65-83.
- Projeto de Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra no Brasil - MapBiomass [Internet]. [acesso em 25 nov 2023]. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/>
- Ramadevi S, Kaleeswaran, B, Natarajan P. Phytochemicals analysis and antimicrobial activity of *Ruellia patula* L. against pathogenic microorganisms. *South Indian J Biol Sci* 2016;2(2):306-313.
- Ramírez-Bautista MAR, Ramón-Ugalde JP, Aguilar-Urquiza E, Cetzal-Ix W, Sanginés-García R, Domínguez-Rebolledo ÁE, Piñero-Vázquez ÁT. Calidad seminal de ovinos de pelo suplementados con *Moringa oleifera* (Moringaceae) y *Trichanthera gigantea* (Acanthaceae). 2020. *Revista mexicana de ciencias pecuarias* 2020;11(2):393-407.
- Reis AS, Gil ASB, Kameyama C. Flora das cangas da Serra dos Carajás, Pará, Brasil: Acanthaceae. *Rodriguésia* 2017;68(3):887-903. doi: 10.1590/2175-7860201768320
- Rizzini CT. Acanthaceae Minarum Generalium impprimis Mello-Barrettianae. *Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* 1949;9:193-207.
- Rizzini CT. Sobre 40 gêneros das Acanthaceae brasileiras. *Rodriguésia* 1954;28(16):9-54.
- Rizzini CT. Acanthaceae. *Rodriguésia* 1957;(32):138-150.
- Rodríguez IT. Las familias Acanthaceae y Bignoniaceae en la flora ornamental de Sevilla [tcc]. Sevilla: Universidad de Sevilla; 2019.

- Santos MA, Conceição LP, Pereira FA, Oliveira IB, Santos AKA. Desmidiaceae (Zygnematophyceae, Streptophyta) da Lagoa das Bateias, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 2013;13. doi: 10.13102/scb226.
- Santos JS, Caires CS. Convolvulaceae Juss. em áreas urbanas de Vitória da Conquista, Estado da Bahia, Brasil. *Hoehnea* 2022;49. doi: 10.1590/2236-8906-11/2021.
- Sartín RD. O gênero *Justicia* L. (Acanthaceae) no estado de Goiás [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2015.
- Silva FA, Albuquerque-Lima S, Taylor NP, Zappi DC. *Harporchilus corrugatus* (Acanthaceae), a new and endangered chiropterophyllous species from the highlands of central-southern Bahia, Brazil. *Phytotaxa* 2022;545(2):151–162. doi: 10.11646/phytotaxa.545.2.4.
- Silva FAD, Bonadeu F. Acanthaceae em Colorado do Oeste, Rondônia, Brasil. *Rodriguésia*, 2019;70. doi: 10.1590/2175-7860201970082.
- Silva FA, Gil ASB, Barra CF, Kameyama C. Three new species of *Justicia* (Acanthaceae) from the Brazilian Amazon. *Systematic Botany* 2021;46(2):433-445. doi: 10.1600/036364421X16231782047389.
- Silva FA. O gênero *Justicia* L. (acanthaceae) no Estado do Pará, Brasil [dissertação]. Pará: Universidade Federal Rural da Amazônia e Museu Paraense; 2019.
- Silva GR, Neto CD, Santos ACNS, Novaes JC. Caracterização da notoriedade do café do Planalto de Vitória da Conquista–BA, para a indicação geográfica de procedência. VIII Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil 25 a 28 de novembro de 2013, Salvador - BA, 2013.
- Silva MG. Estudo Taxonômico da Subtribo Ruelliinae Nees (Acanthaceae) no Estado do Paraná, Brasil [dissertação]. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná; 2011.
- Silva MJ, Melo JIM, Sales MF. Flora da região de Xingó, Alagoas e Sergipe: Acanthaceae A. Juss. *Revista Caatinga* 2010;23(2):59-67.
- Silva CAPD. A tribo Justicieae (Acanthaceae) no Nordeste oriental do Brasil: taxonomia e palinologia. 2020. [dissertação]. Recife, Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2020.
- Simpson MG. *Plant systematics*. 2nd ed., San Diego: Elsevier Academic Press, 2010.
- Souto LG. Diagnóstico dos indicadores socioeconômicos de Vitória da Conquista-BA. XV Semana de Economia e I Encontro de Egressos de Economia da UESB, 2017.
- Souza AM, Valente EB, Bastos CJP, Azevedo CO. Marchantiophyta da Reserva do Poço Escuro, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Natureza on line* 2016;14(2):064-072.
- Souza AM, Valente EDB, Azevedo CO. Musgos de um fragmento de floresta estacional semidecidual do município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Pesquisas, Botânica* 2015;67:217-233.
- Thiers B. *Index herbariorum: a global directory of public herbaria and associated staff* [internet]. New York: New York Botanical Garden's Virtual Herbarium [continuously updated (acesso em 26 nov 2023)].
- Vasconcelos FG, Rosseto LP, Neves BJ. Estudo fitoquímico e avaliação da atividade anti-inflamatória e avaliação da atividade anti-inflamatória e toxicidade aguda da espécie vegetal *Justicia thunbergioides* (Lindau)(Acanthaceae). *Anais SNCMA* 2017;8(1).
- Vasconcelos AA, Veras INS, Vasconcelos MA, Andrade AL, Santos HS, Biraande PN, Souza EB, Albuquerque MRJR, Teixeira EH. Chemical composition determination and evaluation of the antibacterial activity of essential oils from *Ruellia asperula* (Mart. Ex Ness) Lindau and *Ruellia paniculata* L. against oral Streptococci. *Natural Product Research* 2023;37(2):333-337. doi: 10.1080/14786419.2021.1960521.
- Vilar TS, Kameyama C, Cavalcanti TB. Acanthaceae. In: Cavalcanti TB, Batista MF, orgs. *Flora do Distrito Federal, Brasil*, v. 8. Brasília:Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia; 2010. p. 15-53.
- Wasshausen DC. The genus *Aphelandra* (Acanthaceae). *Smithsonian Contributions to Botany* 1975.
- Wasshausen DC, Wood JRI. Acanthaceae of Bolivia. *Contributions from the United States National Herbarium* 2004;49:1-152.
- Zadra M, Bryan BM, Frescura LM, Essi L, Carvalho C. A, Rosa MB. *Ruellia angustiflora* (Nees) Lindau ex Rambo: extraction and characterization of phenolic compounds and evaluation of anti-radical, photoprotective and antimicrobial activities. *Natural Product Research* 2023;1-9. doi: 10.1080/14786419.2023.2244124.

Como citar este artigo

How to cite this article

(ABNT)

SOARES, G. C.; CAIRES, C. S. Acanthaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Paubrasilia**, Porto Seguro, v. 7, e148, 2024. DOI: 10.33447/paubrasilia.2024.e0148.

(Vancouver)

Soares GC, Caires CS. Acanthaceae Juss. no município de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Paubrasilia* 2024;7:e148. doi:10.33447/paubrasilia.2024.e0148.